



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Amanda Oliveira Marinho

Diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador em situações de violência no namoro e sua relação com a empatia em adultos jovens: um estudo correlacional

BRASÍLIA

2023

Amanda Oliveira Marinho

Diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador em situações de violência no namoro e sua relação com a empatia em adultos jovens: um estudo correlacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Giardini Murta.

Coorientadora: Profa. Dra. Karine Brito dos Santos

BRASÍLIA

2023

Diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador em situações de violência no namoro e sua relação com a empatia em adultos jovens: um estudo correlacional.

Trabalho apresentado junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Doutora Sheila Giardini Murta.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Sheila Giardini Murta
Universidade de Brasília – UnB
Presidente da Banca

Prof. Dr. Sérgio Eduardo da Silva Oliveira
Universidade de Brasília – UnB
Membro Titular

Prof^a. Dra. Jeane Lessinger Borges
Instituição Evangélica de Novo Hamburgo – IENH
Membro Titular

Prof^a. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos
Universidade de Brasília – UnB
Membro Suplente

Dedico este trabalho a todas as sobreviventes que conseguiram se libertar de relações violentas e às que se esforçam para ajudar tantas outras que ainda não:

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”.

(Audre Lorde)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à Profa. Sheila Murta por ter embarcado comigo nessa jornada, cuja extensão desafiadora não tínhamos ideia. Obrigada por permanecer ao meu lado, me apoiar e orientar de forma tão generosa. Você combina excelência técnica com excelência humana, que se traduz no cuidado nas relações interpessoais. Foi um privilégio passar por essa experiência com você. Muito obrigada, Sheila!

Agradeço à minha família, meus irmãos que sempre me apoiam, Alessandro e Adriano, obrigada pelo suporte e cuidado! E a você, pai, obrigada pelo carinho e pelas revisões de última hora! Mãe, obrigada por tudo! Você sempre foi a primeira a incentivar e cuidar para que eu alcançasse qualquer objetivo, muito obrigada, sempre! André Ricardo, obrigada pelo incentivo constante!

Karine Brito dos Santos, minha coorientadora, que com muita paciência me auxiliou e apoiou ao longo desse processo. Agradeço pelas inúmeras trocas, pelo cuidado e orientação na pesquisa. Estou ansiosa para nosso abraço presencial em Brasília!

Agradeço aos professores do PPGPsiCC, com os quais tive a oportunidade de aprender tanto, e aos membros da banca, por aceitarem o convite e me proporcionarem feedbacks valiosos. Agradeço especialmente à Profa. Dra. Jeane Lessinger Borges e ao Prof. Dr. Sérgio Eduardo Silva de Oliveira; vocês tornaram minha defesa a melhor parte do mestrado!

Agradeço aos muitos amigos e amigas que me incentivaram e apoiaram ao longo desses últimos anos. Alguns desempenharam papéis especialmente importantes:

Dra. Janaína Barletta, querida amiga e mestra das minhas grandes conquistas profissionais, desde o início, quando eu nem pensava em fazer o mestrado, já me incentivava a seguir meus interesses profissionais, orientou-me e acolheu-me. Jana, muito obrigada por ser essa grande amiga e parceira!

Ao querido Carlos Peixoto, hoje um grande amigo com lugar especial em meu coração, obrigada pelo apoio, incentivo e carinho desde o início.

Graziela Mistura, amiga, obrigada por estar comigo nas horas boas e ruins, por me incentivar e acolher sempre que foi necessário. Sabemos que foram muitas vezes. Muito obrigada!!!

Fabício Calland, obrigada por cuidar de mim e me ajudar a ser quem eu quero ser. Você foi e continua sendo essencial. Muito obrigada, sempre.

Abner, obrigada por seu apoio constante e por sempre se disponibilizar. Obrigada pelo carinho e pelo refúgio em Ubatuba!

Juliana Frazão, obrigada, amiga, pelo apoio, carinho e gentileza ao revisar meu texto. Você também faz parte disso tudo!

Obrigada, Lana Rocha, por se disponibilizar e me apoiar ao longo do processo e principalmente no final.

Aos amigos que a UnB me trouxe, Giordana Fontes, obrigada pelos momentos necessários de descontração e reflexões sobre a escrita e tudo mais! Joice Macedo, obrigada pela ajuda, pelas

tantas correções e revisões cuidadosas! Ana Elizabeth Reis, o que dizer dessa pessoa que é luz e transborda generosidade? Muito obrigada, “mana”, certamente o mestrado ganhou outro significado a partir do momento que te conheci! Obrigada por tudo! Antonio Marcolino, obrigadaaaa!!! Você foi essencial! Obrigada por se mostrar um grande amigo, por nossas trocas e piadas internas, pelas intermináveis contribuições ao longo do mestrado, por estar ao meu lado nas boas e más notícias, muitíssimo obrigada! Ao querido Lucas Scafutto Marengo, pela cuidadosa "ajuda" com a análise dos dados!

Muito obrigada a todos os amigos e amigas mencionados e aos tantos outros que não caberiam aqui. Simplesmente, nada teria acontecido sem vocês na minha vida. Muito, muito, muito obrigada! Foram momentos de alegria, leveza e descoberta de novas amizades.

Vocês representam as minhas conexões mais importantes, obrigada por tudo!

Triste, louca ou má

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define

Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós; vai viver só
Ela desatinou, desatou nós; vai viver só
Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós; vai viver só
Ela desatinou, desatou nós; vai viver só
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define, minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
(Eu sou meu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)

(Francisco, el Hombre)

Resumo

O presente estudo foi baseado na abordagem do espectador, cujo modelo teórico indica as influências e barreiras que interferem na ação de intervir para ajudar uma vítima em situação de emergência; e no conceito de empatia composto por três dimensões, afetiva, cognitiva e comportamental. Objetivou-se investigar as diferenças de gênero em relação às barreiras para intervir em situações de violência no namoro comparadas aos níveis de empatia, entre adultos jovens. Trata-se de uma pesquisa quantitativa com *design* correlacional. A amostra foi composta por 250 participantes, entre homens e mulheres, de 18 a 30 anos. Para investigar a probabilidade de intervenção, foi utilizada a Escala de Atitudes do Espectador em Situações de Violência no Namoro (ESPECTA-VN); e os níveis de empatia foram investigados pela Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI). Os participantes preencheram também um Questionário Sociodemográfico. Análises descritivas e correlacionais foram realizadas, com dados secundários, a fim de investigar como homens e mulheres reagem às influências inerentes às situações de violência no namoro (física, sexual e psicológica) e sua relação com os níveis de empatia apresentados. Os resultados não indicaram diferenças significativas entre homens e mulheres, frente às barreiras à intervenção, sendo, portanto, suscetíveis de forma similar. Nas situações com diferentes tipos de violência, foram encontradas diferenças significativas para situações de violência sexual e psicológica, indicando que homens e mulheres reagem de maneiras distintas em perceber essas situações. Em relação à empatia, para as dimensões Consideração Empática (componente afetivo) e *Personal Distress* (angústia pessoal) foram identificadas diferenças significativas; as mulheres tenderam a se preocupar mais com os outros; e em situações emocionalmente tensas, experimentaram mais angústia pessoal frente ao sofrimento dos outros. E no que concerne às diferenças de gênero, barreiras à intervenção e níveis de empatia, diferenças significativas negativas foram identificadas entre *Personal Distress* e a probabilidade de intervenção em violência física e psicológica, indicando que quanto maior o sofrimento pessoal, menor a probabilidade de intervir nessas situações. A Consideração Empática e a Tomada de Perspectiva do Outro (componente cognitivo) não aumentaram a probabilidade de intervenção nas situações de violência nos três tipos de violência investigados. Neste estudo, a variável empatia não se mostrou associada à possibilidade de um espectador apresentar uma atitude favorável de intervir frente a situações de violência no namoro. Estudos futuros podem elucidar melhor essas relações, sobretudo com amostras representativas de gêneros, raças e orientações sexuais distintas.

Palavras-chave: violência no namoro, diferenças de gênero, empatia, intervenção do espectador.

Abstract

The present study was based on the bystander approach, whose theoretical model indicates the influences and barriers that interfere with the action of intervening to help a victim in an emergency situation, as well as on the concept of empathy composed of three dimensions: affective, cognitive and behavioral. The objective was to investigate gender differences regarding barriers to intervening in dating violence situations compared to levels of empathy among young adults. This is a quantitative research with a correlational design. The sample consisted of 250 participants, including both men and women, aged 18 to 30 years. To investigate the likelihood of intervention, the Bystander Attitudes Scale in Dating Violence Situations (ESPECTA-VN) was used, and empathy levels were investigated using the Multidimensional Interpersonal Reactivity Scale (EMRI). Participants also completed a Sociodemographic Questionnaire. Descriptive and correlational analyses were conducted, using secondary data, to investigate how men and women respond to the inherent influences in dating violence situations (physical, sexual, and psychological) and their relationship with the levels of empathy displayed. The results did not indicate significant differences between men and women in relation to barriers to intervention, as they were susceptible in a similar manner. In situations involving different types of violence, significant differences were found for sexual and psychological violence situations, indicating that men and women react differently in perceiving these situations. Regarding empathy, significant differences were identified for the Empathic Concern (affective component) and Personal Distress dimensions. Women tended to show more concern for others, and in emotionally tense situations, they experienced more personal distress when witnessing the suffering of others. As for gender differences, barriers to intervention, and levels of empathy, negative significant differences were identified between Personal Distress and the likelihood of intervention in cases of physical and psychological violence, indicating that higher personal distress is associated with a lower likelihood of intervening in these situations. Empathic Concern and Perspective Taking (cognitive component) did not increase the likelihood of intervention in the three types of violence investigated. In this study, the empathy variable was not found to be associated with the likelihood of a bystander displaying a favorable attitude towards intervening in dating violence situations. Future studies, especially those with representative samples of different genders, races, and sexual orientations, may provide further insights into these relationships.

Keywords: dating violence, gender differences, empathy, bystander intervention.

Lista de Tabelas

Tabela 1. Modelo situacional de intervenção para prevenção da agressão sexual	39
Tabela 2. Tendência e composição da amostra.....	52
Tabela 3. Propensão às barreiras na intervenção do espectador entre homens e mulheres	53
Tabela 4. Probabilidade de intervenção em diferentes tipos de violência	55
Tabela 5. Dimensões da empatia entre si (n = 250).....	57
Tabela 6. Dimensões da empatia por gênero	58
Tabela 7. Probabilidade de intervenção em relação aos tipos de violência e à empatia.....	59

Sumário

Apresentação	8
Capítulo 1 – Violência no Namoro	11
Tipos de Violência nas Relações Afetivo-sexuais	14
Teorias Explicativas da Violência pelo Parceiro Íntimo	18
Fatores de Risco e de Proteção para Violência no Namoro	23
Empatia nas Dimensões Protetiva e de Risco	28
Capítulo 2 – Abordagem do Espectador na Prevenção da Violência no Namoro	37
Capítulo 3 – Justificativa e Objetivos	45
Capítulo 4 – Método.....	47
Delineamento	47
Participantes	47
Instrumentos.....	47
Procedimento de Coleta de Dados	49
Análise de Dados	49
Capítulo 5 – Resultados e Discussão.....	51
Caracterização da amostra	51
Diferenças de Gênero na Probabilidade de Intervenção	51
Níveis de Empatia e a Probabilidade de Intervenção	56
Probabilidade de Intervenção, Tipos de Violência e Empatia	58
Considerações finais.....	60
Referências.....	66
Anexos	78
Anexo 1 – Escala de Atitudes do Espectador em Situações de Violência no Namoro (ESPECTA-VN)	79

Anexo 2 – Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI).....	83
Anexo 3 – Questionário Sociodemográfico	86

Apresentação

A violência no namoro (VN) é um tema de grande repercussão no campo da Ciência da Prevenção, principalmente nos Estados Unidos e Canadá, sendo considerada uma forma de violência por parceiro íntimo (VPI). Algumas especificidades da VN são reportadas em pesquisas e envolvem a não coabitação entre os parceiros e uma dinâmica de intercalação dos papéis de vítima e perpetrador. Embora as pesquisas de prevenção apontem a bidirecionalidade como padrão nas relações de namoro, as mulheres são apontadas como as principais vítimas de violência física e sexual, com prejuízos ao longo do desenvolvimento (Latzman et al., 2018).

A manifestação dos diferentes tipos de violência (física, sexual e psicológica) impacta o sofrimento das vítimas, cuja reincidência e coocorrência são apontadas como agravantes, não raramente sendo identificadas nas relações de namoro (Vasconcelos et al., 2021). Estudos têm identificado diversas consequências negativas, incluindo a baixa autoestima, sintomas depressivos, transtornos psiquiátricos, abuso de substâncias, envolvimento em comportamentos de risco e baixo rendimento acadêmico (Taquette & Monteiro, 2019)

Intervenções baseadas na abordagem do espectador têm se mostrado promissoras na prevenção da violência, principalmente no ambiente educacional, em que o acesso a adolescentes e jovens pode ser facilitado, contribuindo para uma maior adesão a programas de prevenção à violência no namoro (Burn, 2009; Yule et al., 2022). Essa abordagem se fundamenta na análise dos fatores que influenciam o comportamento de uma pessoa de intervir diante de uma situação de violência, tendo sido adaptada por Santos (2016) para a prevenção de situações de violência no namoro.

Um dos focos da prevenção se insere na identificação dos fatores de risco e de proteção presentes nas dimensões ecológicas do indivíduo. Para essa finalidade, a abordagem bioecológica oferece a possibilidade de análises interessantes à pesquisa em prevenção da

violência no namoro, permitindo uma compreensão mais ampla de relações proximais e distais, no contexto sociocultural investigado (Benetti et al., 2013). Estudos também têm investigado a empatia como fator protetivo para violência no namoro, analisando a possibilidade de inibir a ocorrência de comportamentos violentos (Sampaio et al., 2009).

De acordo com a contextualização da temática apresentada, o presente estudo visa analisar os efeitos da empatia na probabilidade de intervenção do espectador em situações de violência no namoro. Esta dissertação foi organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo introduz o tema da violência no namoro, apresentando os tipos de relacionamentos afetivo-sexuais vivenciados na atualidade, as características e as formas de violência no namoro, na perspectiva da vítima e do perpetrador. Apresenta ainda as possíveis explicações sobre a origem da violência por meio de autores que desenvolveram teorias que se aplicam a essa temática, como John Bowlby e a Teoria do Apego, Albert Bandura e a Teoria Social Cognitiva, além de pressupostos que baseiam algumas teorias feministas.

O segundo capítulo introduz a abordagem do espectador, como estratégia de prevenção à violência no namoro. O modelo no qual a abordagem foi baseada e seus fundamentos são apresentados para a compreensão do processo de intervenção em situações de violência no namoro. A apresentação das justificativas e dos objetivos da pesquisa se encontram no terceiro capítulo. O quarto capítulo descreve as etapas do método, o delineamento escolhido, a seleção da amostra, os instrumentos utilizados, os procedimentos de coleta de dados e, por fim, a indicação das análises escolhidas para investigação dos objetivos propostos.

No quinto capítulo, os resultados e a discussão da pesquisa em quatro blocos: diferenças de gênero na probabilidade de intervenção; probabilidade de intervenção entre os tipos de violência; níveis de empatia e a probabilidade de intervenção e probabilidade de intervenção, tipos de violência e empatia. O último capítulo apresenta as considerações finais,

bem como as limitações da pesquisa, sugestões de aprimoramento e agenda de pesquisas futuras.

Capítulo 1 – Violência no Namoro

Ao longo do desenvolvimento humano, formas de se relacionar vão se configurando permeadas pelos aspectos socioculturais presentes. Nesse sentido, o namoro se configura como uma relação íntima e dinâmica, que envolve a realização de atividades em conjunto, podendo não ter como meta o prolongamento da relação, portanto, objetivos como noivar ou casar nem sempre estão presentes (Oliveira et al., 2014).

Para além do namoro, atualmente, adolescentes e jovens têm experimentado formas mais fluidas de se relacionar naquilo que concerne à natureza da relação, sua duração e ao nível de intimidade compartilhado, como por exemplo, o “ficar” ou “pegar” (Minayo et al., 2011). Essas relações podem ocorrer em um único encontro ou em vários, com uma ou com diferentes pessoas, havendo ou não o estabelecimento de compromissos futuros. Dessa forma, os parceiros não elegem o casamento como um objetivo, como ocorreu em gerações anteriores. A finalidade é pautada pelo desejo de experimentação afetivo-sexual, podendo ou não se desenvolver para um namoro ou casamento.

A VN é um tema estudado desde a década de 1980 (Dahlberg & Krug, 2006; Set, 2020), principalmente nos EUA e Canadá (Martínez-Heredia et al., 2021), sendo classificada como uma forma de VPI, entendida como qualquer comportamento violento que ocorra em uma relação íntima, envolvendo, mas não se limitando à não coabitação entre os parceiros, ser bidirecional, com a intercalação dos papéis de vítima e perpetrador entre os parceiros (Duval et al., 2020; Gregori et al., 2022).

A violência nas relações afetivo-sexuais é delimitada a partir de duas dimensões, a vitimização e a perpetração, vivenciadas de formas diferentes por homens e mulheres, nas relações hétero e homoafetivas, envolvendo diferentes tipos de violência como a violência física, psicológica e sexual. A vitimização repetida ao longo da vida (revitimização) impacta de forma mais severa a experiência sofrida, assim como a vivência de diferentes formas de

violência (física, sexual, familiar ou *stalking*), simultâneas ou não (polivitimização) também potencializa o sofrimento (García-Moreno & Amin, 2016; Jaffe et al., 2018). Com relação à revitimização, ter sofrido violência por parceiro íntimo previamente está associado a um aumento de risco de 3,68 vezes para a vitimização futura (Tassinari et al., 2022).

A recente revisão sistemática de López-Barranco et al. (2022) investigou as diferenças de gênero na vitimização e perpetração dos diferentes tipos de violência no namoro, em adolescentes e jovens adultos, baseado nas Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA; Page et al., 2020). Sua pesquisa incluiu 12 estudos observacionais, publicados entre 2015 e 2021, com amostra de adolescentes e jovens adultos com idades entre 13 e 24 anos, perfazendo um total de 21.924 homens e 25.180 mulheres. Os resultados indicaram que homens e mulheres estão envolvidos na perpetração e vitimização, de diferentes tipos de violência. Os homens configuram como os principais perpetradores dos tipos de violência mais graves, como a violência física e sexual, em comparação com as mulheres, que por sua vez, enquadram-se como as principais perpetradoras das formas mais “brandas” de violência, como a violência verbal-emocional (psicológica).

Tanto a perpetração como a vitimização por VN acarretam desfechos negativos para os envolvidos, não apenas para as vítima e perpetradores, mas para as famílias, amigos e comunidade de uma forma geral, as consequências podem ser analisadas nos diferentes níveis ecológicos dos indivíduos ao longo do seu desenvolvimento (Abreu et al., 2015). Estudiosos do tema buscam analisar o impacto da perpetração e da vitimização, dos diferentes tipos de violência (física, psicológica, sexual) nas relações afetivo-sexuais, e, para tanto, buscam relacionar variáveis como a idade dos parceiros, o sexo, a raça e o histórico de violência ao longo da vida, no intuito de obter uma compreensão mais ampla, fidedigna à realidade em que a violência no namoro acontece, dada a complexidade das situações de violência nesse contexto (Tassinari et al., 2022).

Taquette e Monteiro (2019) buscaram sistematizar o conhecimento da área da saúde sobre as causas e consequências da violência no namoro entre adolescentes como objetivo de sua revisão. Foram analisadas 35 pesquisas, das quais três temáticas de investigação foram delimitadas a partir dos objetivos do estudo: salientar as causas e consequências da violência no namoro entre adolescentes. A primeira abordou as vulnerabilidades relacionadas à violência no namoro de adolescentes, indicando a inequidade de gênero, a idade (fase do desenvolvimento) da violência baseada no gênero, discriminação racial, pobreza e heterossexismo como fatores de risco aos quais os adolescentes estariam expostos, potencializando a probabilidade de ocorrência de violência no namoro nessas amostras.

A segunda temática englobou os estudos que abordaram a circularidade da violência no namoro entre os adolescentes, como violência na família e entre pares. Histórico de maus-tratos ou testemunhar violência na família foram fortemente associados à violência no namoro adolescente. A terceira envolveu os problemas de saúde associados à violência no namoro de adolescentes, identificando a baixa autoestima, sintomas depressivos, transtornos psiquiátricos, abuso de substâncias, envolvimento em comportamentos de risco e baixo rendimento acadêmico como as principais consequências associadas (Taquette & Monteiro, 2019).

Os resultados apontaram para as diversas causas envolvidas no fenômeno da violência no namoro de adolescentes, incluindo fatores individuais, culturais e sociais. Também foram identificados desfechos negativos em saúde, apontando importantes lacunas na pesquisa, como a falta de estudos que analisassem as piores consequências de violência no namoro, o feminicídio, cometido por seus parceiros ou ex-parceiros. O suicídio como consequência da violência no namoro, também não foi abordado em nenhum dos estudos. A bidirecionalidade da violência no namoro, entre meninos e meninas, foi identificada, principalmente, em relação à violência física e psicológica. Em relação à violência sexual as meninas foram as

principais vítimas. A pesquisa ressalta a urgência no desenvolvimento de estratégias de prevenção que abordem o impacto dos padrões baseados no gênero, de forma individual e coletiva (Taquette & Monteiro, 2019).

Tipos de Violência nas Relações Afetivo-sexuais

A VN geralmente se apresenta nas formas física, sexual e psicológica. Sua ocorrência afeta de forma negativa o desenvolvimento humano em qualquer fase da vida e independentemente dos aspectos socioculturais, como classe social, raça e cultura (Martínez-Heredia et al., 2021). Atualmente verifica-se uma outra forma de violência presente nas relações afetivo-sexuais, a perseguição, conhecida como *stalking*, na língua inglesa. *Stalking* envolve comportamentos como “perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade”, de acordo com a recente lei brasileira (Lei nº. 14.132), que incluiu o crime de perseguição à legislação penal (Brasil, 2021; Buhi et al., 2009).

A violência física se configura por meio de agressões físicas, como empurrões, chutes e estrangulamentos; enquanto a violência psicológica está relacionada a comportamentos de ameaças, chantagens ou coerções, incluindo os comportamentos de *stalking*. A violência sexual é entendida como qualquer ato de cunho sexual, que vise estimular práticas sexuais que a outra pessoa não deseja realizar, tentativas de consumação de um ato sexual, independentemente da relação com a vítima, não se restringindo, portanto, à consumação do ato em si (World Health Organization [WHO], 2009).

Devido aos diversos desfechos negativos que afetam não somente os parceiros da relação, mas familiares, amigos e a comunidade, pesquisas na área de prevenção têm sido realizadas no intuito de compreender as consequências negativas associadas aos tipos de violência vivenciados, tanto como vítima, como perpetrador. Homens e mulheres

compartilham prejuízos ao longo do desenvolvimento, como consequência direta ou indireta da violência presente em suas vidas. Identificar fatores de risco e de proteção, associados aos tipos de violência, pode fornecer o direcionamento para a elaboração de estratégias de prevenção mais específicas e eficazes (Meadows et al., 2022; Reyes et al., 2021).

A revisão de Lagdon et al. (2014) analisou homens e mulheres com mais de 18 anos que tivessem vivenciado algum tipo de VPI no último ano ou ao longo da vida. O objetivo foi compreender quais desfechos negativos em saúde mental estariam associados à vitimização de VPI em suas formas (física, psicológica e sexual), além de analisar possíveis diferenças de gênero. A maior parte dos estudos foi proveniente dos EUA (74%). Com um total de 141.319 participantes, a maioria dos estudos utilizou uma amostra apenas feminina (62%) e com uma amostra de vítimas do sexo feminino (26%). Um pequeno percentual de pesquisas se utilizou de uma amostra com homens e mulheres (31%).

Os resultados apontaram que a polivitimização da violência sexual e física foi frequente e a revitimização aumenta o número de desfechos negativos, principalmente em relação à saúde mental e vitimização por VPI, associando níveis mais elevados de morbidade psiquiátrica. De uma forma geral, os desfechos negativos em saúde mental pesquisados são conhecidos na literatura e envolvem a depressão, o transtorno de estresse pós-traumático, a ansiedade e algum nível de sofrimento psicológico geral. A pesquisa ainda enfatiza a necessidade de maior atenção na investigação dos efeitos da violência psicológica na saúde mental, devido ao pouco conhecimento sobre o impacto dessas agressões ao longo do desenvolvimento (Lagdon et al., 2014).

A violência psicológica não deixa marcas visíveis e muitas vezes é legitimada, tida como aceitável. Isso dificulta uma avaliação adequada do potencial dano envolvido, contribuindo dessa forma para a banalização da violência. A violência psicológica, geralmente, é mútua, ou seja, ambos os parceiros serão vítimas e perpetradores em algum

momento da relação (Costa et al., 2018; Gregori et al., 2022). Ainda que mútua, as mulheres são as principais vítimas, o que remete à necessidade de se abordar a violência baseada no gênero no âmbito da prevenção à violência no namoro (Anderson, 1997; Latzman et al., 2018; Martins, 2017).

As diferenças de gênero na vitimização e perpetração da violência no namoro podem indicar como os jovens significam suas relações afetivo-sexuais, sendo um aspecto relevante para a área da prevenção à violência no namoro. Dessa forma, abordar a violência baseada no gênero, na elaboração de estratégias preventivas, é essencial para que sejam identificadas as raízes desse tipo de violência e seu impacto no desenvolvimento ao longo da vida. Dinâmicas de dominação da mulher pelo homem são originadas a partir de construções socioculturais que se desenvolveram ao longo da história e persistem na atualidade, reforçando papéis sociais baseados em diferenças biológicas. Algumas teorias feministas apontam a relação íntima entre as crenças culturais sexistas e a violência de gênero como um elemento necessário à prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais (Carvalho-Barreto et al., 2009; Saffioti, 2001; García-Moreno et al., 2005).

Vasconcelos et al. (2021) em um estudo epidemiológico transversal quantitativo, que investigou os dados resultantes da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, analisou a prevalência de violência por parceiro íntimo sofrida por mulheres adultas e os fatores associados. A amostra foi composta por mulheres com idades entre 18 e 59 anos, que responderam ao módulo da pesquisa relativo à violência. Esse módulo foi revisado para abarcar os tipos de violência sofrida - física, psicológica ou sexual -, a indicação do perpetrador e sua relação com a vítima. Em relação aos dados sociodemográficos, a amostra reuniu um total de 34.334 mulheres, sendo a maioria (46,16%) com idade entre 40 e 59 anos e que se autodeclarou de cor parda (45,25%), residente da região Sudeste do país (42,65%). Em relação ao tipo de violência sofrida e sua prevalência, verificou-se que 7,6% da amostra

indicou ter sofrido alguma forma de violência por parceiro íntimo, sendo a violência psicológica a mais prevalente com uma taxa de 8%, seguida pela violência física (2,75%) e sexual (0,68%). A faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos apresentou maior prevalência de vitimização de violência por parceiro íntimo (8,96%) em relação às outras faixas etárias, de 25 a 39 anos (8,88%) e de 40 a 59 anos (6,08%). A violência psicológica apontou como a forma mais prevalente isolada e frequentemente associada às outras formas de violência (Vasconcelos et al., 2021).

Estudos da área de prevenção têm indicado uma alta prevalência de violência psicológica nas relações afetivo-sexuais ao longo do desenvolvimento (Oliveira et al., 2011). Para além dos prejuízos já elencados, principalmente para as mulheres, a violência psicológica pode ainda representar o precursor do ciclo de violência, portanto, considerar o seu poder preditivo para outros tipos de violência, classificadas mais graves, é essencial para romper o desenvolvimento de relações violentas (Aldrighi, 2004; Carvalho-Barreto et al., 2009).

O ciclo de violência é entendido por meio da ambivalência apresentada pelo agressor, que alterna seus comportamentos em relação à vítima, ora demonstrando aspectos positivos, como arrependimento da agressão perpetrada e promessas de mudança, ora sendo agressivo, confundindo assim a vítima, que fica envolvida em uma dinâmica cíclica de manutenção da violência. A teoria do ciclo de violência descreve o fenômeno da violência em três fases. A primeira se refere à presença de alguma tensão, que acarretará aumento da irritabilidade do agressor. Na segunda fase está presente a descarga relativa ao aumento da irritabilidade, culminando na explosão do ato violento. Nessa fase a vítima geralmente percebe o aumento da irritabilidade e se silencia na tentativa de amenizar a possível agressão, submetendo-se ao controle do agressor ou defendendo-se, porém, acreditando que a agressão poderá não acontecer. Já na terceira fase, ocorre a reconciliação do casal, o agressor reitera suas

promessas de mudança e arrependimento pelo ocorrido e a vítima acredita que dessa vez será diferente (Walker, 2009).

A natureza culturalmente normalizada da violência psicológica a torna menos identificável pelas vítimas, portanto, menos relatada (Santos & Rezende, 2021). Conceituar de forma explícita comportamentos abusivos, que se enquadram na tipificação da violência psicológica, pode contribuir para que os parceiros avaliem suas experiências na relação íntima. Ademais, a ambivalência proporcionada pelo ciclo da violência favorece a permanência da vítima na relação violenta (Souza et al., 2018; Ustunel, 2020). Dessa forma, identificar a ocorrência de violência psicológica nas relações íntimas dos jovens pode ser uma estratégia de evitar que outras formas de violência mais graves ocorram (Saffioti, 2001; Set, 2020).

Teorias Explicativas da Violência pelo Parceiro Íntimo

Diferentes teorias têm sido utilizadas para o estudo da violência pelo parceiro íntimo. A Teoria Social Cognitiva, desenvolvida por Albert Bandura, apresenta os princípios da aprendizagem vicariante, em que um comportamento pode ser apreendido pela observação do comportamento de outras pessoas, que servem de modelos para esse tipo de aprendizagem (Bandura, 2008). Essa explicação vem sendo aplicada como uma alternativa teórica que demonstra como os comportamentos violentos também podem ser aprendidos por meio da observação de modelos violentos. Nesse sentido, as diferentes formas de violência vivenciadas em um ambiente familiar violento serviriam de modelo para os membros da família, que tenderiam a reproduzir esses comportamentos em suas futuras relações, ocorrendo, assim, a transmissão geracional da violência. Estudos sobre violência no namoro têm encontrado associações entre a aprendizagem vicariante de modelos violentos intrafamiliares e violência no namoro.

Essa teoria encontra amplo suporte em evidências empíricas. Por exemplo, Borges e Dell'Aglio (2020) realizaram um estudo transversal descritivo para analisar variáveis pessoais e contextuais associadas à perpetração de violência no namoro em 403 adolescentes, com idades entre 14 e 19 anos (247 meninos e 156 meninas), de escolas públicas (64,5%) e privadas (18,2%) de uma cidade brasileira. Os achados apontam prevalência de violência psicológica (92%), seguida de violência sexual (37%) e física (27%). Ter se relacionado em algum momento da vida ou estar atualmente em uma relação afetivo-sexual foi um dos critérios para participação em que mais da metade dos participantes (63%) afirmou estar em algum tipo de relacionamento afetivo-sexual no momento da pesquisa. Desse total, 31,4% indicaram estar “ficando com alguém”, enquanto a maioria afirmou estar em uma relação de namoro (66,6%).

A pesquisa analisou ainda aspectos intergeracionais da violência no namoro. Os dados indicaram que ser vítima de maus-tratos psicológicos na infância aumenta em mais de cinco vezes (5,37) a probabilidade de um adolescente ser perpetrador de violência psicológica ou verbal no namoro. Os resultados indicaram a influência de aspectos intergeracionais para ocorrência da violência no namoro e a importância da inclusão das famílias, dos pares e da comunidade em programas de prevenção da violência no namoro (Borges & Dell'Aglio, 2020).

Algumas teorias de base feminista indicam que os aspectos sociais relacionados à vitimização por violência no namoro têm como base o patriarcado, que se mantém por meio de estruturas que desvalorizam as mulheres, criam cenários de desigualdades de acesso a direitos e fortalecem os tradicionais papéis de gênero, colocando, assim, meninas e mulheres em situações cada vez mais propensas a sofrer violência de gênero em suas relações (Anderson, 1997; Capaldi et al., 2018; Ustunel, 2020). Dessa forma, abordar a violência de gênero na prevenção à violência no namoro torna-se fundamental para se promover relações

íntimas mais saudáveis e prevenir formas de violência contra mulheres (Latzman et al., 2018).

O estudo transversal de Schraiber et al. (2007) analisou os resultados da pesquisa multipaíses da Organização Mundial de Saúde (OMS) de duas regiões brasileiras integrantes da pesquisa original entre os anos 2000 e 2001. O objetivo foi investigar, entre mulheres de 15 a 49 anos, a prevalência de violência doméstica, classificada em violência física, sexual e psicológica. A pesquisa supracitada investigou 2128 mulheres, 940 de São Paulo e 1188 de Pernambuco, que tivessem tido alguma relação afetivo-sexual ao longo da vida, incluindo como parceiros, os atuais e ex-parceiros, independente de união formal, desde que com envolvimento sexual. Os achados indicaram que do total de participantes de São Paulo, quase metade (46,4%) relatou vitimização de alguma de violência pelo parceiro íntimo e de Pernambuco, mais da metade (54,2%). A quase totalidade dos casos (90%) indicou a presença de violência psicológica associada à violência física e sexual.

A violência sexual apresentou frequências menores quando comparada às outras formas de violência, porém, esteve quase que invariavelmente presente às outras formas de violência (82,1%) em São Paulo e (71,8%) em Pernambuco. A violência psicológica foi a mais prevalente nos casos, seguida de violência física e sexual. Níveis altos de sobreposição das três formas de violência (física, psicológica e sexual), tanto em São Paulo (45,33%), como em Pernambuco (53,85%), foram associados às quatro expressões da violência psicológica: insultos, humilhação, intimidação e ameaça (Schraiber et al., 2007).

As consequências da violência física geralmente são mais visíveis, demandando cuidados médicos e hospitalares, indicando a necessidade de treinamento dos profissionais das áreas de educação, saúde e segurança, para que possam acolher, identificar e notificar corretamente os casos quando as vítimas buscam ajuda. O atendimento às vítimas de

violência, de forma qualificada, pode representar o suporte que as vítimas necessitam para romperem com as relações abusivas (Schraiber et al., 2007).

A violência no namoro também vem sendo estudada à luz da Teoria do Apego de John Bowlby, a qual assinala que a qualidade das primeiras relações, entre o bebê e seus principais cuidadores, traz implicações para as futuras relações íntimas, moldando percepções sobre si e sobre os outros, que influenciam na maneira de se relacionar (Ellis & Dumas, 2018). A partir da baixa qualidade do vínculo desenvolvido nos primeiros anos de vida, verificou-se o aumento da vulnerabilidade às dificuldades de um relacionamento íntimo, tanto para vitimização como para a perpetração de violência no namoro (Bowlby, 2002).

De acordo com a teoria, o apego pode ser entendido como um sistema de organização humana que busca a adaptação do indivíduo ao meio, o que envolve a capacidade de se relacionar, em diferentes contextos, ao longo do desenvolvimento. Os tipos de apego são classificados em funcionais e disfuncionais, sendo o apego seguro representado por formas saudáveis de se relacionar, que envolvem representações positivas de si e dos outros, contribuindo para o desenvolvimento em relações mais saudáveis (Bowlby, 2002).

Os tipos de apego disfuncionais ou inseguros são representados pelo apego ansioso e evitativo (Murta et al., 2019; Segundo et al., 2022). A partir das relações entre a criança e um cuidador que atenda de forma inconsistente às demandas básicas de segurança e cuidado, um estilo de apego ansioso pode se desenvolver, contribuindo para expressões mais excessivas de atenção e cuidado com o parceiro, em busca de segurança na relação.

No estilo de apego ansioso, a possibilidade de abandono da figura de apego leva ao aumento de sentimentos de ansiedade, geralmente desencadeando o uso de estratégias disfuncionais para resolução de conflitos nas relações. A dificuldade de experimentar intimidade nas relações é uma característica associada ao estilo de apego evitativo, que busca evitar níveis mais profundos de intimidade na relação (Bowlby, 2002). O estabelecimento da

confiança nas relações iniciais de um indivíduo parece contribuir para formas mais saudáveis de se relacionar no futuro, sendo o contrário também previsto. Vínculos menos seguros predizem relações futuras menos confiáveis, favorecendo, assim, padrões de apego ansiosos ou evitativos, o que tem sido associado à perpetração e vitimização de diferentes tipos de violência, entre homens e mulheres (Bowlby, 2002; Ellis & Dumas, 2018).

Um estudo que ilustra o uso da Teoria do Apego para a compreensão da violência pelo parceiro íntimo foi realizado por Segundo et al. (2022). Esse estudo investigou a vitimização por violência física entre mulheres adultas jovens da Espanha, analisando a direcionalidade e a frequência da violência. A pesquisa buscou ainda analisar como a desregulação emocional, o estilo de apego adulto, a impulsividade e a exposição prévia à violência na infância se relacionam com a perpetração e vitimização por violência por parceiro íntimo. Participaram do estudo 360 universitárias, com idade a partir de 18 anos, em atual relacionamento ou que tivessem tido um relacionamento íntimo por pelo menos um mês.

Os dados foram analisados em relação à presença e à direcionalidade da violência física na relação íntima, havendo quatro possibilidades de relação: 1) não-violenta, indicando ausência de vitimização e de perpetração de violência física; 2) apenas vítima, indicando vitimização por violência física e ausência de perpetração; 3) apenas perpetradora, indicando a presença de perpetração e ausência de vitimização ou 4) bidirecionalmente violenta, havendo vitimização e perpetração de violência física (Segundo et al., 2022).

Os resultados indicaram que a maioria (54,2%) das mulheres indicou perpetração e vitimização de violência física, enquanto apenas vitimização e apenas perpetração tiveram índices mais baixos, 12,7% e 33%, respectivamente. As mulheres que indicaram violência bidirecional apresentaram níveis mais altos de perpetração e vitimização de violência física em relação àquelas que indicaram apenas vitimização ou apenas perpetração. Níveis mais

altos de apego ansioso também estiveram associados à bidirecionalidade em relação às mulheres que indicaram não haver violência na relação. A violência bidirecional esteve associada também a altos níveis de apego evitativo em relação àquelas que indicaram apenas perpetração. De forma geral, os achados apontaram que ser vítima ou testemunha de violência interpaparental, estilos de apego ansioso ou evitativo e dificuldades de regulação emocional se apresentaram como fatores de risco tanto para vitimização, como para a perpetração da violência por parceiro íntimo na amostra estudada (Segundo et al., 2022).

As teorias utilizadas para a compreensão da violência nas relações afetivo-sexuais ao longo do desenvolvimento humano não indicam um caráter determinista, mas sinalizam a importância da qualidade das relações interpessoais desde as primeiras experiências de contato com o outro, indicando que essas influenciam o desenvolvimento das relações futuras nas diferentes fases da vida (Evans et al., 2021).

Fatores de Risco e de Proteção para Violência no Namoro

A prevenção da violência no namoro investiga como a ocorrência da violência pode ser evitada ou minimizada. Portanto, identificar o caráter correlacional dos fatores de risco e de proteção envolvidos é o primeiro passo para se compreender as interligações entre a violência e as condições que a ocasionam. A presença de fatores de risco aumenta a probabilidade de ocorrência da violência, ao passo que fatores protetivos podem minimizar ou inibir sua ocorrência (Murta et al., 2013).

A utilização de uma abordagem bioecológica para a análise da violência no namoro se justifica pelo alcance que tais análises fornecem sobre as possibilidades de ocorrência da violência e os fatores relacionados. Dessa forma, é possível investigar o indivíduo nas suas relações proximais e distais no contexto sociocultural presente (Aldrighi, 2004; Minayo et al., 2011; Murta et al., 2013). A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner tem sido amplamente utilizada na área de prevenção à violência no namoro. Para esse autor, o

desenvolvimento humano está pautado em um processo dinâmico, que alterna mudanças e estabilidades gradativas no curso de vida e entre as gerações (Benetti et al., 2013; Hebert et al., 2019). Essa teoria apresenta um sistema para a compreensão do desenvolvimento humano, organizado em quatro níveis que interagem entre si: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT).

Para a análise da violência no namoro, a teoria indica que a ocorrência se dá como resultado da interação do indivíduo nos diversos níveis do sistema (Carvalho-Barreto et al., 2009). O nível processual indica as características da pessoa e suas inter-relações recíprocas no mesmo ambiente, sendo o principal responsável pelo desenvolvimento humano. É nesse nível que se estabelecem as relações entre os parceiros, portanto, no contexto da violência no namoro, esse nível indica a direcionalidade da violência, intercalando os papéis de vítima e perpetrador.

O nível pessoal se refere à pessoa e suas características biológicas, cognitivas, comportamentais e emocionais. Nesse sentido, ao identificar suas características individuais, entre limitações e pontos fortes, torna-se possível compreender melhor como as inter-relações se influenciam no contexto presente, possibilitando identificar as características do parceiro e as possíveis consequências da relação para ambos. O conhecimento sobre si e a respeito dos contextos vivenciados podem oferecer oportunidades de escolha e influenciar o próprio desenvolvimento (Lordello & Costa, 2015). A combinação de características individuais ao longo do desenvolvimento nos diferentes contextos indicará padrões de relacionamento que podem contribuir ou não para situações de violência no namoro.

O nível contextual pode ser compreendido por qualquer condição externa que influencia ou é influenciada pela pessoa, sendo dividido em quatro níveis ambientais: microsistema, mesosistema, exosistema e macrosistema. O microsistema refere-se às relações mais próximas do indivíduo, portanto a referência de suporte mais imediata. O

mesosistema representa a relação entre os sistemas dos quais o indivíduo ativamente participa, por exemplo a família e a relação íntima (Benetti et al., 2013).

A violência no namoro, portanto, é influenciada e influencia a família, os pares e a comunidade de forma geral. Diversos fatores influenciam a ocorrência da violência nas relações afetivo-sexuais, como a condição de saúde da população, a falta de acesso a direitos e a pobreza. São fatores de risco que se somam, criando panoramas favoráveis à violência. Nesse sentido, o apoio social e emocional fornecido por serviços de saúde, justiça e ambientes educacionais, por exemplo, atuam como fatores protetivos para a violência no namoro. O exosistema se refere aos níveis não frequentados ativamente pelo indivíduo, porém são por eles afetados (Carvalho-Barreto et al., 2009).

O macrosistema é amplo e engloba os outros sistemas. Refere-se à cultura e valores vigentes na sociedade, perpassando os contextos social, econômico e político. Um exemplo de crença cultural que impacta a ocorrência da violência nas relações afetivo-sexuais refere-se a ideia de que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, colaborando para que os indivíduos, diante de situações de violência entre parceiros íntimos, acreditem que não devem se intrometer, mesmo na ocorrência de violência. Esses aspectos fornecem o panorama no qual os indivíduos vão se desenvolver e se relacionar, influenciando e sendo influenciados mutuamente ao longo do desenvolvimento e das gerações (Benetti et al., 2013).

O macrosistema interfere na ocorrência da violência de muitas formas, no que se refere às políticas de combate à violência ou de proteção às mulheres, por exemplo, em que as altas taxas de prevalência representam a gravidade do problema e uma provável baixa efetividade dessas políticas. O nível temporal ou cronosistema se divide em microtempo, mesotempo e macrotempo. Este nível incorpora o aspecto temporal às dimensões, de forma que alterações vivenciadas em momentos diferentes da vida influenciam os indivíduos e por eles são influenciados (Benetti et al., 2013; Kaukinen, 2014).

As interrelações que se desenvolvem ao longo desses níveis possibilitam compreender a dinâmica em que os indivíduos estão envolvidos e que contribuem para a ocorrência da violência nas relações afetivo-sexuais. O modelo bioecológico oferece as bases para se analisar a natureza complexa e multicausal da violência nas relações afetivo-sexuais, contribuindo para o planejamento de estratégias mais específicas de prevenção (Wallace et al., 2023).

No intuito de investigar os fatores de risco e de proteção para violência no namoro, nos diversos níveis ecológicos, Claussen et al. (2022) realizaram uma abrangente revisão sistemática, que analisou adolescentes com idades entre 11 e 18 anos. Dentre os fatores de risco para perpetração da violência, no nível individual, foram indicados o uso de substâncias, problemas de saúde mental, déficits em habilidades de regulação da raiva e de resolução de conflitos, aceitação dos mitos do estupro, violência de gênero e crenças sexistas. No nível relacional, foram citadas a influência negativa dos pares antissociais, que usam violência nas relações entre os pares e no namoro, como o *bullying*. Na dimensão familiar, a exposição à violência parental, pais com pouca delimitação de limites, pouco monitoramento e relações negativas, como comunicação não-assertiva, representaram fatores de risco. Normas e ideologias de gênero, racismo e heterossexismo se associaram, no nível social, aos fatores de risco para perpetração de violência no namoro de forma geral (Claussen et al., 2022).

Nenhum fator de risco para vitimização por violência no namoro foi especificado no nível social. Em relação aos fatores de proteção para vitimização e perpetração, apenas seis dos vinte artigos abordaram o tema, sendo que cinco investigaram os fatores protetivos no nível relacional, tanto para a vitimização, quanto para a perpetração. Não foram indicados fatores de proteção para vitimização e perpetração no nível individual. No nível relacional, os fatores protetivos para a vitimização indicaram o apoio e monitoramento dos pais. E para perpetração, os fatores de proteção identificados foram relacionamentos positivos entre pais e

filhos e a rede de pares pró-sociais. Não houve identificação de fatores de proteção específicos para vitimização e perpetração no nível social (Claussen et al., 2022).

Os resultados mostram uma concentração das pesquisas que abordam os fatores de risco, principalmente nos níveis individual e relacional e pouco envolvimento de pesquisas que abordem os níveis comunitário e social. O cenário de baixo investimento na promoção da resiliência e do fortalecimento de fatores de proteção para a prevenção da violência no namoro indica a necessidade de mais pesquisas cujo foco seja a prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais baseada nos fatores protetivos, por meio de esforços governamentais e da aliança com as comunidades. É relevante também ressaltar que embora os estudos de uma forma geral indiquem a importância de a prevenção abranger todos os níveis ecológicos simultaneamente, as pesquisas têm abordado os níveis individual e relacional do indivíduo sistematicamente. Além disto, os achados desta revisão apontam o pouco direcionamento para investigação dos fatores protetivos (Claussen et al., 2022).

Vagi et al. (2013) analisaram a literatura sobre fatores de risco e proteção para perpetração de violência no namoro entre adolescentes em artigos publicados entre os anos 2000 e 2010, com participantes com idades entre 10 e 24 anos, oriundos dos EUA e do Canadá. Participaram da pesquisa estudos que demonstraram um critério de ordem temporal, ou seja, variáveis preditoras cuja exposição precedeu o resultado negativo, a própria ocorrência da violência. Foram identificados 20 artigos, que juntos somaram 53 fatores de risco (em 19 artigos) e 6 de proteção (em 3 artigos), sendo que em dois dos 19 artigos foram investigados fatores de risco e de proteção. Os 53 fatores de risco encontrados foram associados à perpetração. Por exemplo, no nível individual, a depressão, violência prévia no namoro, raça e outras formas de violência resultaram em quatro fatores de risco. Conflito entre os pais, amigos perpetradores de violência no namoro e violência entre pares foram encontrados no nível relacional, dentre outros. Em relação aos seis fatores de proteção

identificados, quatro fazem parte do nível individual: a alta dissonância cognitiva sobre a perpetração da violência no namoro, altos níveis de empatia, nível de QI verbal mais alto e melhores médias de notas na escola. Uma relação positiva com a mãe e sentir apego à escola fazem parte dos fatores protetivos no nível relacional (Vagi et al., 2013).

De forma geral, os achados indicam a importância de a pesquisa em prevenção investir mais na identificação dos fatores protetivos relacionados tanto à perpetração, como à vitimização por violência no namoro de adolescentes e jovens. É demonstrada, ainda, a lacuna nos estudos sobre prevenção da violência no namoro cujo foco tem sido majoritariamente a investigação dos fatores de risco em detrimento dos fatores protetivos.

Empatia nas Dimensões Protetiva e de Risco

O estudo da empatia tornou-se mais evidente na Psicologia Clínica, principalmente pelas ideias de Carl Rogers, ao afirmar que o terapeuta deveria desenvolver uma compreensão empática pela pessoa atendida, que englobe os aspectos externalizados até os mais subjetivos, fazendo assim, com que o terapeuta se sensibilize com o sofrimento do outro (Sampaio et al., 2009). Rogers compreendia a empatia como uma habilidade que poderia ser ensinada e, portanto, aprendida. Outras conceituações da empatia complementam o conhecimento a esse respeito, como a combinação das dimensões afetiva, cognitiva e comportamental, o que contribuiu para que seja vista como um fenômeno multidimensional, que envolve a percepção e a compreensão do sofrimento alheio, eliciando uma resposta afetiva congruente com a situação apresentada (Koller et al., 2001).

De acordo com Davis (1980), a empatia envolve três dimensões, a capacidade de pensar (dimensão cognitiva), o sentir (dimensão afetiva) e o agir (dimensão comportamental), possibilitando que os indivíduos se conectem levando em consideração a perspectiva do outro e possam construir relações interpessoais mais saudáveis, envolvendo respeito mútuo, necessários para a vida em sociedade (Falcone, 1999; Sampaio et al., 2009). Apesar de

divergências conceituais, o estudo da empatia, como um recurso para mediar conflitos interpessoais, desperta o interesse de pesquisadores da área de prevenção da violência (Sampaio et al., 2009).

Estudos apontam a empatia como uma característica ou habilidade com caráter protetivo, enquanto associada à perpetração da violência no namoro, nesse aspecto, a habilidade empática ou altos níveis de empatia podem se refletir em uma maior consideração empática em relação ao companheiro, inibindo ou diminuindo a probabilidade de perpetrar a violência (Espelage et al., 2020). Por outro lado, a empatia também pode se configurar como um fator de risco quando relacionada à vitimização por violência no namoro. Nessas situações, as vítimas de abuso demonstram empatia por seus parceiros violentos, encontrando justificativas para a ocorrência da violência (Dodaj et al., 2020). A pesquisa de prevenção da violência no namoro busca investigar como os fatores protetivos ou de risco podem atuar mediando a perpetração ou a vitimização da violência. Dessa forma, a direcionalidade da violência se torna um elemento essencial para se considerar nos diferentes contextos de investigação (Péloquin et al., 2011).

Um estudo com 474 universitárias da Universidade de Mostar, Bósnia e Herzegovina, investigou a prevalência de violência no namoro entre universitárias, além de analisar a relação entre a satisfação com a relação, empatia, impulsividade e violência nos relacionamentos íntimos. A pesquisa foi realizada por Dodaj et al. (2020), durante o ano acadêmico de 2018 e 2019, com estudantes do sexo feminino, com idades entre 19 e 29 anos ($M = 22,23$ anos), que estivessem em um relacionamento íntimo no ano anterior à pesquisa. Os resultados indicaram uma prevalência maior de vitimização por violência psicológica (34,81%) em relação à perpetração (23%). Pouco mais da metade das participantes, 274 (57,81%), indicou ter se envolvido em pelo menos um tipo de violência na relação. A

bidirecionalidade da violência se apresentou de forma menos elevada (13,71%) em relação à vitimização e perpetração isoladas, para violência psicológica.

Os achados apontaram que a duração do relacionamento íntimo foi positivamente correlacionada com a perpetração de violência psicológica. A satisfação com o relacionamento foi negativamente relacionada à perpetração e vitimização por violência psicológica. A respeito da impulsividade, concluíram que os indivíduos impulsivos vivenciando um humor positivo estão propensos a se envolver em violência no namoro, seja como vítima ou perpetrador. O humor negativo estaria associado ao uso de violência física. Em relação à empatia, os resultados mostraram que a tomada de perspectiva, principalmente para vitimização psicológica, se apresentou como preditiva de vitimização no namoro (Dodaj et al., 2020).

Dessa forma, no que concerne à identificação de fatores protetivos para a prevenção da violência no namoro, considerar a empatia como uma variável mediadora dos conflitos entre os casais, exige uma cuidadosa contextualização no que tange a direcionalidade da violência praticada, ou seja, identificar as especificidades presentes no âmbito da vitimização e da perpetração da violência. Conforme o resultado apontado, a empatia pode configurar como um fator de risco em casos de vitimização por violência no namoro (Dodaj et al., 2020).

A pesquisa feita por Ramos et al. (2021), baseada nas teorias de transmissão intergeracional da violência, investigou a relação entre o histórico de violência da família de origem e a perpetração da violência digital no namoro. Foi ainda investigada a probabilidade de moderação da tomada de perspectiva e da empatia entre violência na família de origem e perpetração de violência digital no namoro e se houve moderação pela diferença de gênero. Participaram 359 universitárias (181 mulheres) de uma universidade dos EUA, com idades entre 18 e 27 anos ($M = 20,34$ anos). Foram utilizados instrumentos para investigar os dois

tipos de violência na família de origem: a agressão entre pais e filhos e a agressão entre os pais.

Os achados não indicaram diferenças significativas por gênero em relação à perpetração da violência digital, à dimensão tomada de perspectiva ou à violência na família de origem. A exposição à violência familiar durante a infância pode contribuir para uma maior probabilidade de perpetração de violência digital nos relacionamentos íntimos, ocorrendo também de forma presencial. As dimensões Tomada de Perspectiva e a Preocupação Empática minimizaram a relação entre violência na família de origem e perpetração de violência digital (Ramos et al., 2021).

Corroborando com as pesquisas citadas, o estudo de Cornelius et al. (2010) utilizou a conceituação de comunicação conjugal de Gottman (1999 citado em Cornelius et al., 2010) com o objetivo de avaliar como as variáveis relacionadas à comunicação dos casais, em relações conjugais, podem ser identificadas nas relações de namoro violentas. Foram selecionados 173 alunos de uma universidade norte-americana, com idade média de 18,38 anos, em uma relação de namoro. A amostra era majoritariamente (80%) do sexo feminino.

Para avaliação da vitimização e perpetração da violência física e psicológica foram utilizadas duas das cinco subescalas da Escala de Táticas de Conflito Revisadas (CTSR, Straus et al., 1996 citado em Cornelius et al., 2010), a de violência física e de violência psicológica. Em relação às habilidades de comunicação, seis questionários do tipo verdadeiro-falso, avaliaram os componentes relativos aos comportamentos adaptativos e desadaptativos da comunicação do casal, denominados: 1) Tentativas de Reparação, 2) Aceitação de Influência, 3) Começo Agressivo, 4) Inundação, 5) Impasse e 6) Os Quatro Cavaleiros, indicando a presença ou ausência desses comportamentos na relação (Cornelius et al., 2010).

Especificamente, cada questionário avalia um grupo de respostas que envolvem, por exemplo: 1) As Tentativas de Reparação: dizem respeito ao uso do humor ou minimização de respostas negativas feitas pelo parceiro (exemplo de item: “Mesmo quando discutimos, podemos manter o senso de humor”); 2) Aceitação de Influência: se refere à percepção do parceiro sobre a persuasão que o outro exerce na relação (exemplo de item: “Geralmente consigo encontrar algo para concordar com a posição do meu parceiro”); 3) Começo Agressivo: avalia como o parceiro se comporta ao iniciar uma discussão, colocando-se de forma neutra ou negativa (exemplo de item: “Eu odeio a maneira como meu parceiro levanta uma questão”); 4) Impasse: representa a indisponibilidade para discutir algum aspecto do relacionamento, envolvendo exigências irracionais por parte de um dos parceiros (exemplo de item: “O que eu digo em nossas discussões raramente tem muito efeito”); 5) Inundação: representa as ideias de sobrecarga física ou emocional no relacionamento, que culminam na impossibilidade de processar informações em uma discussão (exemplo de item: “Tenho vontade de fugir durante as nossas brigas”) (Cornelius et al., 2010).

O questionário denominado Os Quatro Cavaleiros representa a sequência de respostas desadaptativas que podem ser identificadas por uma crítica expressa por um dos parceiros em relação ao outro, que responde de forma defensiva à crítica e na sequência o outro parceiro rebate com atitudes hostis de desprezo e sarcasmo, culminando no término da conversa (como por exemplo o item: “Geralmente sinto que minha personalidade está sendo agredida”). Esse padrão de respostas em cascata é evidenciado por um processo de comunicação prejudicial que comumente leva à dissolução da relação. Níveis mais altos nessas medidas apontam maior uso de estratégias desadaptativas na comunicação do casal (Cornelius et al., 2010).

Os resultados desse estudo indicaram elevadas taxas de prevalência em relação à vitimização (79%) e perpetração (82%) da violência psicológica no relacionamento atual.

Para violência física, as taxas foram menores, tanto para perpetração (35%) como (31%) para vitimização em relação à violência psicológica. Entre os homens, 80% informaram já ter perpetrado violência. A maioria dos homens (80%) relatou ser vítima de violência psicológica, enquanto a vitimização (34%) e perpetração (31%) da violência física apresentaram taxas menores, comparadas às da violência psicológica. Entre as mulheres, a vitimização (79%) e a perpetração (83%) da violência psicológica apresentaram níveis aproximados aos dos homens, ocorrendo também na vitimização (30%) e na perpetração (36%) da violência física (Cornelius et al., 2010).

A bidirecionalidade apresentou níveis mais altos de violência psicológica (95%) em comparação à violência física (70%). Foram, então, confirmadas as duas hipóteses do estudo, em que taxas mais altas de violência física e psicológica se relacionaram positivamente com taxas mais altas de formas de comunicação desadaptativas, tanto nas relações conjugais, como de forma similar nas relações de namoro. A segunda hipótese sugeriu que as formas de comunicação desadaptativas seriam preditoras para as duas formas de violência investigadas, física e psicológica. Um importante resultado se refere aos comportamentos do tipo Tentativas de Reparação, que foram significativamente preditivos para vitimização pelos dois tipos de violência, cabendo, portanto, sugerir que as vítimas de violência no namoro têm demonstrado mais tentativas de resolver os conflitos no relacionamento (Cornelius et al., 2010).

As Tentativas de Reparação, como formas de comunicação adaptativas para as relações conjugais, culminam na redução da violência, porém, principalmente em relação ao público feminino, as Tentativas de Reparação com parceiros perpetradores de violência física e psicológica podem não ser formas adaptativas para as vítimas, tanto por não as prevenir desses tipos de violência, como por mantê-las em relações abusivas. As estratégias preventivas da violência nas relações conjugais e de namoro precisam ser elaboradas

incluindo estratégias de enfrentamento adequadas, cujas metas envolvam o fim da violência e não apenas o apaziguamento dos conflitos entre os casais. As Tentativas de Reparação podem ser identificadas no ciclo da violência descrito por Walker (2009), na fase de lua de mel, quando o parceiro demonstra arrependimento e faz promessas de mudança de comportamento. É possível que as Tentativas de Reparação estejam associados a outros fatores de vulnerabilidade dos parceiros, como a dependência emocional e/ou financeira, além de aspectos individuais.

Esses achados suscitam reflexões a respeito do papel da comunicação positiva nas relações afetivo-sexuais violentas, no sentido de não reforçar uma cultura de positividade tóxica sobre perdoar o outro e seguir no relacionamento a qualquer custo. É preciso que os parceiros sejam responsáveis por suas ações e se comprometam em utilizar formas de comunicação mais saudáveis, que não envolvam algum tipo de violência. A vitimização e a perpetração da violência no namoro informam a direção que a violência ocorre e fornecem a base para o desenvolvimento de estratégias preventivas. No mesmo sentido, entender a empatia como fator protetivo, sem a devida análise da direcionalidade da violência, pode acarretar o prolongamento de relações abusivas. Demonstrar empatia com as agressões de um parceiro violento pode inibir o término da relação e promover a continuidade do sofrimento da vítima, que permanecerá na relação (Cornelius et al., 2010).

Bonache et al. (2016) realizaram dois estudos para analisar as propriedades psicométricas e a capacidade de discriminação entre parceiros violentos de não violentos do Inventário de Estilos de Resolução de Conflitos (CRSI) de Kurdek (1994), que elaborou o instrumento para avaliar as estratégias de resolução de conflitos utilizadas por ambos os parceiros, com uma versão pessoal e outra do parceiro. A versão final do inventário foi composta por três dimensões, que indicam os estilos de resolução de conflitos dos casais: 1) Estilo Positivo, que consiste em estratégias construtivas, que, por meio da negociação,

auxiliam na manutenção do afeto entre o casal; 2) Envolvimento em Conflito, estratégia destrutiva que prejudica as relações por meio de hostilidade presente, envolvendo a perda de controle e desrespeito; e o 3) Cancelamento, também correspondendo a uma estratégia destrutiva, em que na tentativa de discutir dificuldades da relação, solicitando mudanças, um dos parceiros fica em uma postura defensiva, se nega a discutir os temas apresentados e em silêncio se desconecta do parceiro.

Os estilos de resolução de conflitos foram comparados aos níveis de ansiedade, investigados pelo Inventário de Ansiedade Traço (Spielberger et al., 1983 citado em Bonache et al., 2016), que mede o nível de ansiedade como uma característica pessoal. Os resultados apontaram que os adolescentes com níveis mais altos de ansiedade traço foram associados ao uso de estratégias destrutivas de resolução de conflito: Envolvimento em Conflito e Cancelamento, em relação aos adolescentes com níveis baixos e médios de ansiedade traço. No intuito de avaliar a vitimização e a perpetração por violência psicológica no namoro, foi utilizado o *Safe Dates-Psychological Abuse Victimization* (Foshee et al., 1998). Os participantes que pontuaram mais para vitimização e perpetração indicaram mais uso de estratégias destrutivas de resolução de conflitos, Envolvimento em Conflito e Cancelamento, tanto por parte dos parceiros quanto de forma pessoal, apresentando frequência maior em relação aos que pontuaram menos (Bonache et al., 2016).

Altos níveis de ansiedade também foram associados ao uso de estratégias inadequadas para a abordagem dos conflitos na relação. Os participantes que pontuaram níveis mais altos para vitimização e perpetração estiveram associados aos estilos destrutivos de resolução de conflitos (Envolvimento em Conflito e Cancelamento) em relação aos participantes que tiveram níveis mais baixos de vitimização e perpetração. Nesse sentido, os achados apresentaram informações relevantes para a área da prevenção da violência no namoro, indicando que as estratégias de resolução de conflitos podem auxiliar os indivíduos na

manutenção de uma relação mais saudável, manejando de forma eficaz os afetos negativos (Bonache et al., 2016). Os resultados dos estudos de Cornelius et al. (2010) e de Bonache et al. (2016) fornecem informações importantes para a prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais, em relação ao papel da empatia na resolução de conflitos e na comunicação entre os casais. A identificação das estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos casais e da forma de comunicação são elementos, que, associados à empatia, podem contribuir para a prevenção da violência quando envolvem uma análise da direcionalidade da violência e as variáveis culturais que permeiam o contexto social presente. Altos níveis de empatia desvinculados de estratégias de resolução de conflitos ou de enfrentamento não contribuem para o fim de relações abusivas, pelo contrário, podem ser preditoras de vitimização, contribuindo para a manutenção dos abusos ao longo da relação.

Capítulo 2 – Abordagem do Espectador na Prevenção da Violência no Namoro

A área de prevenção é direcionada para a redução ou minimização dos riscos que tornam as pessoas mais vulneráveis a algum desfecho negativo, mas também se ocupa em fortalecer aspectos protetivos, que objetivam aumentar as possibilidades de atuação frente ao risco ou diminuir seu impacto. Três níveis de prevenção primária são reconhecidos na literatura: universal, seletiva e indicada (Krug et al., 2002). A prevenção universal indica as estratégias para a população em geral, com o foco direcionado para os desencadeantes primários, que afetam a população como um todo. A prevenção seletiva direciona-se para os indivíduos que já se encontram em contato com fatores de risco identificados, portanto, envolve estratégias mais específicas que abordem tais fatores a fim de minimizar futuros danos. Enquanto a prevenção indicada envolve os indivíduos que já sofrem com os danos, visando apoiá-los e impedir a continuidade dos agravos já existentes.

A prevenção da violência no namoro pode ser realizada nos diferentes níveis. Na prevenção universal, voltado para os indivíduos não afetados pela violência no namoro, visando contribuir para que não vivenciem essas experiências. A prevenção seletiva envolve as pessoas em situações de risco (por exemplo, vítimas de outros tipos de violência na família ou com pares) para vitimização e perpetração de algum tipo de violência nas suas relações afetivo-sexuais. Na prevenção indicada o objetivo é oferecer apoio às vítimas e agressores e reduzir as probabilidades de revitimização e polivitimização (Matos et al., 2006; Murta et al., 2019).

Intervenções baseadas na abordagem do espectador são reconhecidamente promissoras na prevenção da vitimização e da perpetração de diferentes tipos de violência interpessoal (Bell et al., 2019; Edwards et al., 2019). Estudos de prevenção contra a violência sexual (Burn, 2009; Degue et al., 2014), violência contra as mulheres (Potter et al., 2009) e

violência no namoro (Santos, 2016; Storer et al., 2016) têm apontado a viabilidade do uso dessa abordagem em situações que envolvem algum tipo de violência.

Programas de prevenção à violência no namoro têm sido elaborados frequentemente para o ambiente educacional, sendo implementados em escolas (Edwards et al., 2019) e em universidades (Banyard & Moynihan, 2011; Bell et al., 2019; Inman et al., 2018), sendo uma forma de facilitar o acesso a adolescentes e jovens, público de grande interesse dessa área. A disseminação de tais programas ocorre, principalmente, nos EUA, onde programas de prevenção à violência no namoro fazem parte de políticas públicas nos estados (Murta et al., 2013; Rochford et al., 2022).

A abordagem do espectador baseia-se no modelo situacional de intervenção de Latane e Darley (1968), o qual sugere passos, barreiras e influências que predizem a intervenção do espectador em uma dada situação. Burn (2009) adaptou o modelo para a prevenção da agressão sexual e elaborou uma análise comportamental do espectador em relação à violência de gênero. Assim, os passos em direção à intervenção são influenciados pela forma como o espectador percebe e analisa a situação, resultando ou não em intervir em situações de violência sexual, conforme resumo no Tabela 1.

Tabela 1.

Modelo situacional de intervenção para prevenção da agressão sexual

Passos	Barreiras	Influências
Consciência (perceber o problema)	Falha em perceber	Distrações no ambiente, foco direcionado para atividades próprias.
Definição (análise do risco e da intervenção)	Falha em identificar o risco	Ignorância pluralística quanto aos fatores de risco para o problema-alvo, ambiguidade com relação ao consentimento e ao perigo da situação, ambiguidade quanto à natureza da relação entre a potencial vítima e o potencial agressor.
Responsabilidade (assumir a responsabilidade em agir)	Falha em assumir a responsabilidade	Difusão da responsabilidade, relação do espectador com a potencial vítima ou com o agressor, atribuição de merecimento.
Autoeficácia (avaliar como agir)	Falha por déficit em habilidades	Ignorância quanto à ação, direta ou indireta, pois o espectador não sabe o que dizer ou fazer para ajudar.
Ação (agir/intervir)	Falha por inibição do público	Preocupação com a avaliação dos outros. Normas sociais.

Nota. Adaptada de Santos (2016, p. 189).

Em suma, o resultado intervir ou não em uma situação de violência sexual, conforme Tabela 1, é influenciado pela forma como o espectador percebe e analisa a situação. Nesse sentido, a adequação do modelo para a utilização na prevenção da violência em situações de

namoro se refletiu na inclusão das situações de violência (física, sexual e psicológica) que podem ocorrer em uma relação de namoro.

De acordo com Santos (2016), os passos articulam a percepção do espectador em relação a situações de violência no namoro, portanto, o primeiro passo (Consciência) se refere a *perceber a ocorrência de determinada situação de violência entre parceiros íntimos* em um determinado local; o segundo passo (Definição) envolve *interpretar a situação como problemática, analisar os riscos envolvidos e se é ou não apropriado intervir*; o terceiro passo (Responsabilidade) indicar *assumir a responsabilidade em agir*; o quarto passo (Autoeficácia) diz respeito a *decidir como agir* e o último passo (Ação) significa *agir para intervir*. As barreiras se constituem em *falhas* no processo de intervir, ocasionadas pelo impacto das circunstâncias presentes (Influências sociais) sobre o espectador, ou seja, o nível de interferência que o espectador está sujeito quando em grupo, indicará a probabilidade de intervenção ao final do processo.

A *falha em não perceber a situação* pode ser, em maior ou menor grau, influenciada por circunstâncias como barulho alto no local ou pelo espectador estar focado nas próprias atividades. O passo seguinte (Definição) depende do anterior (Consciência), pois será necessário perceber o problema (a situação de violência) para se analisar os riscos envolvidos e a viabilidade de ajudar. Portanto, a *falha em identificar o risco envolvido* é influenciada por fatores como a ignorância pluralística (ser conduzido pela aparente falta de preocupação ou inatividade de outros espectadores, mas provavelmente agiria diferente se estivesse sozinho), ignorância quanto aos riscos envolvidos ou ambiguidades em relação à situação como um todo (Santos, 2016).

A *falha em assumir a responsabilidade* é influenciada pela forma como o espectador identifica a vítima ou o agressor, podendo envolver a atribuição de merecimento por parte do espectador. O fenômeno da atribuição de merecimento envolve a crença de que a vítima

tomou decisões que a colocaram em maior risco para a sofrer a violência da qual é vítima. Os espectadores de uma situação de violência podem julgar os aspectos relativos à situação, como o local e horário da situação de violência ou ainda aspectos sobre a vítima, como ter feito uso de bebida alcoólica ou o tipo de roupa usada, como aspectos que tornam a vítima “merecedora” da agressão sofrida (Santos, 2016). A falha por *déficit em habilidades* envolvendo a ignorância quanto à ação, o espectador não sabe o que dizer ou fazer para ajudar. No último passo, a ação de intervir pode ser influenciada por circunstâncias como a preocupação com a avaliação dos outros e com normas sociais sobre a situação de violência. Dessa forma, o espectador pode falhar *por inibição do público* (Burn, 2009).

Ao longo do processo de intervir, as influências que impactam a ação de ajudar em uma situação de violência, envolvem desde características individuais a aspectos socioculturais, como as normas sociais que salientam a não intervenção de terceiros (espectadores) nas relações íntimas, mesmo na ocorrência de violência. Uma outra influência é o fenômeno efeito do espectador, entendido como difusão da responsabilidade de agir diante de uma situação de emergência, que reduz a ocorrência do comportamento de ajuda na presença de outras pessoas. Tal fenômeno tem fornecido a explicação predominante para a tomada de decisão nessas situações (Latane & Darley, 1968).

A utilização da abordagem do espectador na prevenção da violência no namoro se apresenta como uma oportunidade de envolver a comunidade como uma aliada na prevenção à violência no namoro, na medida em que se promove um maior envolvimento e responsabilidade dos indivíduos uns com os outros, para juntos atuarem na prevenção da violência. Um maior envolvimento comunitário pode contribuir para o aumento da empatia, considerada essencial para as relações humanas e para uma convivência mais saudável, além de diminuir a defensividade em participar de programas dirigidos exclusivamente a potenciais vítimas e agressores (Santos, 2016).

No Brasil, alguns esforços nessa direção têm sido feitos. O trabalho pioneiro de Santos (2016) objetivou desenvolver, implementar e avaliar a viabilidade e eficácia de intervenções baseadas nos pares e na abordagem do espectador na prevenção à violência no namoro entre adolescentes. O trabalho compreendeu cinco estudos, teóricos e empíricos, que compuseram sua tese.

Os resultados apresentados aprofundaram o conhecimento a respeito de tecnologias possíveis para a prevenção primária da violência no namoro. Enfatizaram a importância da educação de pares e da abordagem do espectador como potenciais estratégias para a prevenção da violência no namoro. Tais achados estão alinhados a importantes questões sociais como a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes, violência de gênero, discriminação e preconceito, para os quais as intervenções e discussões apresentaram possibilidades de enfrentamento (Santos 2016).

A abordagem do espectador, na prevenção da violência no namoro, se apresenta como uma oportunidade de potencializar recursos na dimensão comunitária, envolvendo os espectadores das situações de violência no namoro. Dessa forma, não apenas os envolvidos diretamente na situação de violência (vítima e perpetrador) são o alvo, mas aqueles que podem atuar, direta ou indiretamente, em situações de violência. Assim, espectadores podem ser aliados na prevenção da violência (Park & Kim, 2019).

O uso dessa abordagem pode contribuir para a redução de estigmas que tendem a impactar negativamente a participação de vítimas e de agressores em programas de prevenção, dada à possível vergonha ou culpa que podem experimentar ao se identificarem como vítimas e/ou agressores. Envolver a comunidade na prevenção contribui para criar e reforçar comportamentos de ajuda entre seus membros, por meio da crença de que a comunidade deve também intervir em situações de violência, pois sua omissão reforça a ocorrência da violência (Debnam & Mauer, 2021).

A conscientização sobre os efeitos da empatia nas relações humanas pode contribuir para o fortalecimento de comunidades a respeito do seu poder como grupo, aliada à prevenção da violência. Nesse sentido, a mudança de normas sociais parece diretamente relacionada à eficácia desse tipo de intervenção. Espectadores mais empáticos podem se ver como colaboradores ativos na prevenção da violência, promovendo maior engajamento sobre as possibilidades de atuação na prevenção da violência em sua comunidade.

Weitzman et al. (2017) buscaram investigar o perfil do espectador em situações de violência sexual e de violência por parceiro íntimo, especificamente: 1) O perfil de quem intervém nessas situações; 2) Conhecer a vítima interfere na probabilidade de intervenção; e 3) De que forma intervém nessas situações. A pesquisa utilizou os dados da campanha *No More*, iniciada nos EUA em 2013, com o objetivo de tornar as pessoas mais conscientes sobre a violência sexual e doméstica, tornando-as mais propensas a discutir esses temas e assim provocar mudanças culturais que contribuam para a prevenção da violência e apoio às vítimas. A amostra foi composta por 1307 adolescentes com idade a partir de 15 anos.

Os achados indicaram que 28% dos participantes afirmaram conhecer uma vítima de violência sexual, enquanto mais da metade (53%) indicou conhecer uma vítima de violência por parceiro íntimo e para ambos os casos de violência, 21% relataram conhecer uma vítima. O conhecimento sobre a experiência dos outros é um passo essencial no que se refere à abordagem do espectador, sendo as diferenças de gênero investigadas para se compreender o perfil do espectador (Weitzman et al., 2017).

As participantes do sexo feminino apresentaram 65% mais chances relativas de conhecerem vítimas de ambos os casos de violência, comparadas a não conhecer nenhuma vítima. Participantes negros apresentaram probabilidade relativa de 275% maior que aos participantes brancos em conhecer vítimas de violência sexual em comparação a conhecer pessoas que não foram vítimas. Além de maior probabilidade de conhecer vítimas de

violência sexual, comparado a conhecer apenas vítimas de violência por parceiro íntimo ou ambos.

Esses resultados estão diretamente relacionados aos passos da intervenção do espectador, em que a decisão sobre o que fazer e como fazer para intervir sofrem interferência do tipo de violência presenciado. Em relação às influências sociais, o medo de sofrer lesões físicas foi a mais indicada (43%) como inibindo a probabilidade de intervenção. Em suma, a probabilidade de intervenção em casos de violência é altamente contextual, dependendo ainda das características individuais, da forma de violência e ainda da relação entre o possível agressor e a vítima (Weitzman et al., 2017).

De forma geral, os resultados indicam a necessidade de uma análise conjunta que aborde aspectos individuais e contextuais. O tipo de violência será um elemento importante a ser considerado para a intervenção de um espectador, portanto tornar as formas de violência mais explícitas por meio da descrição de comportamentos que constituem esses atos é fundamental, bem como a identificação dos potenciais meios de solicitar ajuda direta ou indiretamente nessas situações. Outro aspecto que demanda atenção é o conhecimento sobre as vítimas, tanto de violência sexual como de violência por parceiro íntimo, em que a maioria das mulheres afirmou conhecer alguma vítima dos dois tipos de violência. Esse dado reforça a importância da discussão da violência de gênero para a prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais. Ademais, o aspecto raça/etnia se apresentou como alarmante em termos de conhecer vítimas dos dois tipos de violência investigados, denunciando a emergência de se elaborar formas eficazes de prevenção que incluam necessariamente os tipos de preconceito praticados na sociedade.

Capítulo 3 – Justificativa e Objetivos

A violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens é um tema de preocupação socialmente reconhecido, em função da dimensão dos prejuízos acarretados, principalmente para as mulheres. A exposição a fatores de risco, para a vitimização e perpetração, dos diferentes tipos de violência, vulnerabiliza os indivíduos nas suas diferentes dimensões (individual, relacional, comunitária e social). Os fatores de proteção, por sua vez, potencializam recursos que minimizam os efeitos da violência ou até inibem a sua ocorrência. Fatores de risco têm sido mais pesquisados em comparação com os fatores de proteção, indicando uma importante lacuna na literatura. Estudos que visem essa lacuna poderão contribuir para o direcionamento de novos recursos à prevenção.

A empatia como fator protetivo no contexto do espectador demanda análises que abordem seus efeitos na vítima e no perpetrador. Níveis mais altos de empatia podem inibir a perpetração da violência. Por outro lado, as consequências de se considerar a empatia como protetiva para a vitimização podem ser danosas para a vítima, que ao demonstrar empatia com o parceiro, perpetrador da violência, pode concluir pelo não rompimento de uma relação abusiva (Cornelius et al., 2010; Murta et al., 2015).

A abordagem do espectador tem sido considerada uma estratégia eficiente para a prevenção da violência do namoro, principalmente em ambientes educacionais. A partir do modelo situacional de intervenção, que tem por base a análise das barreiras que influenciam à intervenção do espectador, investigar as influências dessas barreiras se apresenta como central para a aplicação dessa abordagem na prevenção da violência no namoro.

Diante do exposto, o presente estudo pretende analisar os efeitos da empatia na probabilidade de intervenção do espectador em situações de violência no namoro, investigando como homens e mulheres são suscetíveis às barreiras presentes nessas situações.

Os objetivos específicos foram:

(1) Verificar possíveis diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador em resposta a situações de violência no namoro (física, psicológica e sexual) em adultos jovens de 18 a 30 anos;

(2) Verificar as possíveis diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador em resposta a situações de violência no namoro (física, psicológica e sexual) comparadas ao nível de empatia.

Capítulo 4 – Método

Delineamento

O presente estudo está enquadrado como uma pesquisa de natureza quantitativa, envolvendo a realização de um estudo correlacional que indique os índices de predição ou explicação entre as variáveis analisadas, utilizando-se de análises estatísticas específicas (Sampieri et al., 2013).

Participantes

Os dados do presente estudo são provenientes de dados secundários da pesquisa de Santos (2016), cuja amostra foi composta por 410 sujeitos, entre homens e mulheres, com idades entre 14 e 69 anos, residentes de regiões do Brasil, que responderam a uma Pesquisa *online* sobre relações de namoro. Para a pesquisa atual, foi realizado um recorte do banco de dados de Santos (2016) com a seleção da amostra envolvendo, como critério, investigar apenas participantes jovens-adultos, com idades entre 18 e 30 anos. Foram excluídas, portanto, as respostas de 104 sujeitos devido a não pertencerem à faixa etária de interesse, além de outras 56 respostas por falta de informação relativa à idade. Para a amostra final, foram considerados 250 participantes, sendo 41 homens (16,4%, M = 23,63 anos, DP = 3,315) e 209 mulheres (83,6%, M = 23,91 anos, DP = 3,466).

Instrumentos

Escala de Intervenção do Espectador em Situações de Violência no Namoro (ESPECTA-VN) – O instrumento foi desenvolvido por Santos (2016) e teve como base o Modelo de Intervenção do Espectador em Situações de Emergência proposto por Latane e Darley (1968) acrescido das contribuições de Burn (2009). A escala avalia a probabilidade de ajuda do espectador em situações de violência física, sexual e psicológica, que podem ocorrer entre os parceiros nas relações de namoro de adolescentes. A versão da escala usada na pesquisa *online* investigou as etapas da intervenção do espectador, assim compreendidas:

Passos (o que precisa ocorrer para resultar na ação de intervir para ajudar), Barreiras (Falhas na ação de intervir) e Influências (circunstâncias que interferem no processo de intervir). Os itens e número de itens por fator (n), são apresentados conforme a seguir: fator 1: Consciência/Falha em perceber (itens 1, 2 e 3; n = 3); fator 2: Definição/Falha em identificar o risco da situação (itens 4, 5 e 6; n = 3); fator 3: Responsabilidade/Falha em assumir responsabilidade (itens 7 a 21; n = 15); fator 4: Plano/Autoeficácia/Falha devido a *déficit* de habilidades (itens 28, 29 e 30; n = 3); e fator 5: Ação para intervir/Falha devido à inibição da audiência (itens 22-27 e 31-39; n = 15). O grau de concordância é indicado através de cinco opções de resposta (por exemplo, “discordo totalmente” até “concordo totalmente”), por meio de uma escala do tipo Likert. O grau de concordância é indicado através de cinco opções de resposta (por exemplo, “discordo totalmente” até “concordo totalmente”), por meio de uma escala do tipo Likert. Os itens da versão final apresentaram cargas fatoriais superiores a 0,40, indicando qualidade satisfatória e boa consistência interna para os cinco fatores ($\alpha \geq 0,80$). Após validação fatorial a escala foi reduzida para 24 itens na sua versão final.

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) de Davis (1980), adaptada por Koller et al. (2001) – O instrumento é composto por três subescalas que avaliam: 1) Consideração Empática: que se refere aos componentes afetivos da empatia, indicando emoções e sentimentos alter-orientados, refletindo a preocupação com as outras pessoas; 2) Tomada de Perspectiva do Outro: que se refere aos componentes cognitivos da empatia, indicando uma tendência em se adotar o ponto de vista psicológico do outro, de forma espontânea, prevendo suas reações; 3) *Personal Distress*: referente aos comportamentos expressos de uma pessoa, o que em situações emocionais tensas desencadeia sentimentos de ansiedade em relação às dificuldades dos outros. Cada uma das subescalas é constituída de sete proposições, que indicam uma alternativa a ser indicada, em uma escala do tipo Likert com variação de 1 (Não me descreve bem) a 5 (Descreve-me muito bem). O

escore total do EMRI resulta da soma dos resultados das três subescalas, em que os níveis mais elevados de empatia estão associados a maiores escores na escala total e nas três subescalas.

Questionário Sociodemográfico – O instrumento foi elaborado por Santos (2016) para investigar o perfil sociodemográfico da amostra, sendo composto por 15 perguntas fechadas sobre: sexo, idade, nível de escolaridade, nível socioeconômico, grau de instrução do chefe da família, quantidade de itens de conforto de uma residência, presença de água encanada e pavimentação na rua onde mora, cor ou raça, religião, estado civil, status de relacionamento, orientação sexual e cidade/estado de residência.

Procedimento de Coleta de Dados

A coleta desses dados secundários foi realizada pela internet, utilizando-se de um questionário eletrônico, disponibilizado online, no ano de 2015, intitulado Pesquisa sobre relações de namoro, sendo parte integrante da tese Mobilizando Comportamentos de Ajuda na Rede de Amizades: Uma Estratégia de Prevenção à Violência no Namoro Baseada nos Pares e na Abordagem do Espectador, da autoria de Karine Brito dos Santos, coorientadora deste trabalho. A aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília (UnB) consta no Parecer nº. 411.000. Um novo banco de dados foi criado, a partir do banco de dados da tese citada, com os dados de interesse para o presente estudo, especificamente aqueles relacionados aos instrumentos indicados na seção Método, incluindo os participantes que atenderam ao critério de idade. As análises estatísticas realizadas neste estudo não possuem equivalência com as realizadas ao longo da tese da qual os dados foram originados.

Análise de Dados

Foram realizadas análises descritivas (médias, desvios-padrão e médias do rank) para cada variável e sexo (homem e mulher) dos participantes. Investigou-se a relação entre as

variáveis, calculando-se o grau de significância entre os grupos, por meio do teste U de Mann-Whitney para as amostras não-paramétricas. O escore z foi utilizado para comparar os valores individuais em relação à distribuição geral dos dados. O coeficiente de correlação de Spearman (ρ) foi utilizado para as correlações, analisando o tamanho do efeito entre as variáveis. Para a realização das análises estatísticas, foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS) na versão 26.0.

Capítulo 5 – Resultados e Discussão

Os resultados são apresentados na seguinte sequência: caracterização da amostra, análises das variáveis relacionadas às barreiras à intervenção do espectador em situações de violência, investigadas por meio da ESPECTA-VN, e as análises das variáveis relacionadas à empatia, investigadas por meio da EMRI.

Caracterização da amostra

Em relação ao status do relacionamento, a grande maioria (78%) dos participantes relatou estar namorando e mais da metade (68,4%) estava em um relacionamento estável de namoro. Outros status do relacionamento tiveram participação menor, entre ter encontros ocasionais com pessoas diferentes (5,6%) ou com a mesma pessoa (8%).

Sobre a orientação sexual, quase 90% dos participantes se declararam heterossexuais (87,2%). Destes, 73,17% dos homens e 89,95% das mulheres se consideram heterossexuais. Entre os que se declararam não-heterossexuais, a porcentagem foi de 12,8%, dos quais 6% se declararam homossexuais e 6,8%, bissexuais. Não-héteros homens e mulheres representaram, respectivamente, 26,83% e 10,05% da amostra.

A respeito do nível educacional, quase metade da amostra (42,8%) afirmou não ter concluído a graduação, enquanto pouco mais de 10% indicaram (12,8%) ter concluído. Um pouco mais de quinze por cento (15,6%) afirmou ter concluído uma pós-graduação e 22,4% dos participantes indicou possuir pós-graduação incompleta.

Em relação à identificação racial ou etnia, mais da metade (55,2%) dos participantes se declararam brancos, enquanto 30% se declararam pardos e menos de 10% se declararam preto.

Diferenças de Gênero na Probabilidade de Intervenção

Foram calculadas as médias para identificar um ponto de referência para os valores calculados e o desvio-padrão para indicar o grau de variabilidade em torno da média, em relação ao sexo e a idade dos participantes, conforme indicado na Tabela 2.

Tabela 2.

Tendência e composição da amostra

Gênero	N	Idade média (anos)	Desvio-padrão (DP)
Homens	41	23,63	3,315
Mulheres	209	23,91	3,466
Total	250	23,86	3,437

Para verificar a probabilidade de intervenção em situações de violência em relação ao sexo dos participantes, foram calculadas as médias, desvios-padrão e médias do Rank para cada variável da escala. As médias do Rank indicaram o grau de propensão às barreiras identificadas, para cada sexo, em cada dimensão da escala. Portanto, médias do Rank mais altas correspondem à maior propensão à barreira e, conseqüentemente, menor probabilidade de intervenção. Para compreender como a probabilidade de intervenção é calculada, a descrição dos passos, barreiras e influências à intervenção são indicadas na sequência.

O passo *Consciência* corresponde a *perceber a situação como problemática* e a barreira para esse passo seria *falha em perceber uma situação problemática ocorrendo*, como espectador da situação. O passo *Definição* se refere a *analisar o risco e a intervenção* e a barreira seria *falha em identificar o risco*; o passo *Responsabilidade* se refere a *assumir a responsabilidade em agir* e a barreira seria *falha em assumir a responsabilidade*; o passo *Autoeficácia* se refere a *avaliar como agir* e a barreira seria *déficit em habilidades*; o passo *Ação para intervir* se refere a *agir ou intervir propriamente dito* e a barreira seria *falha por inibição da plateia/público*.

Embora as médias do Rank das mulheres tenham sido mais altas em relação às dos homens, portanto, mais propensas às barreiras da intervenção, foram realizadas análises para

investigar o grau de significância das diferenças encontradas, sendo, então, calculados os valores de U , z , p e r com esse objetivo, conforme Tabela 3. Portanto, em relação às barreiras à intervenção, não foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres.

Tabela 3.

Propensão às barreiras na intervenção do espectador entre homens e mulheres

Barreiras à intervenção		M	DP	MRR	U	z	p	r
Falha em perceber uma situação problemática ocorrendo	Homem	6,463	1,704	120,55	4081,5	-0,486	0,627	-0,031
	Mulher	6,684	2,114	126,47				
Falha em identificar o risco	Homem	9,878	3,132	105,56	3467	-1,947	0,051	-0,123
	Mulher	10,871	2,778	129,41				
Falha em assumir a responsabilidade	Homem	45,049	10,312	112,07	3734	-1,302	0,193	-0,082
	Mulher	47,541	9,158	128,13				
Déficit em habilidades	Homem	9,463	2,501	120,94	4097,5	-0,447	0,655	-0,028
	Mulher	9,651	2,877	126,39				
Falha por inibição da plateia/público	Homem	10,659	3,447	115,83	3888	-0,96	0,337	-0,061
	Mulher	11,287	3,001	127,4				
ESPECTA-VN total	Homem	88,195	14,041	138,87	3736,5	-1,295	0,195	-0,082
	Mulher	85,804	14,229	122,88				

M - Média; DP - Desvio Padrão; MRR - Média do Rank; r - Tamanho de efeito não paramétrico U de Mann-Whitney.

Foram realizadas análises para investigar as possíveis diferenças de gênero em relação às barreiras à intervenção em situações de violência no namoro, dos três tipos de violência (física, sexual e psicológica), frente à cada barreira para intervenção, de acordo com a Tabela 4.

Em relação à barreira *não perceber uma situação problemática ocorrendo*, não foram encontradas diferenças significativas, entre homens e mulheres, para a violência física, o que sugere que homens e mulheres percebem de forma semelhante uma situação envolvendo violência física. Para a violência sexual ($p = 0,013$) e psicológica ($p = 0,013$), foram encontradas diferenças significativas, indicando que homens e mulheres perceberam situações de violência sexual e psicológica de maneira diferente.

Tabela 4.

Probabilidade de intervenção em diferentes tipos de violência

Barreiras à intervenção		<i>U</i>	<i>z</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Falha em perceber uma situação problemática ocorrendo	P. Física	4243,5	-0,628	0,530	-0,040
	P. Sexual	3276,5	-2,483	0,013	-0,157
	P. Psic.	3282,0	-2,477	0,013	-0,157
Falha em identificar o risco	P. Física	4121,5	-0,411	0,681	-0,026
	P. Sexual	3984,0	-0,737	0,461	-0,047
	P. Psic.	3496,5	-1,925	0,054	-0,122
Falha em assumir a responsabilidade	P. Física	4245,0	-0,094	0,925	-0,006
	P. Sexual	4084,0	-0,477	0,633	-0,030
	P. Psic.	3985,5	-0,711	0,477	-0,045
Déficit em habilidades	P. Física	3869,0	-1,020	0,308	-0,064
	P. Sexual	3956,5	-0,807	0,420	-0,051
	P. Psic.	4227,0	-0,142	0,887	-0,009
Falha por inibição da plateia/público	P. Física	4255,5	-0,072	0,943	-0,005
	P. Sexual	4003,0	-0,693	0,488	-0,044
	P. Psic.	4227,5	-0,141	0,888	-0,009
ESPECTA-VN total	P. Física	3985,5	-0,708	0,479	-0,045
	P. Sexual	3714,5	-1,349	0,177	-0,085
	P. Psic.	3729,5	-1,313	0,189	-0,083

$p < 0,001$, $p < 0,01$, $p < 0,05$

P. = Probabilidade de intervenção em situações de violência (física, sexual e psicológica)

Em relação às outras barreiras, não foram encontradas diferenças significativas em relação aos tipos de violência, entre homens e mulheres, sugerindo que foram suscetíveis às barreiras à intervenção de forma semelhante, conforme indicado na Tabela 4.

Na investigação e comparação da probabilidade de intervenção em situações de violência no namoro, para os três tipos de violência investigados (física, sexual e psicológica) entre si, foram calculados os coeficientes de correlação (r) para analisar a direção e a força da relação entre as variáveis. O valor de p foi analisado para verificar a significância das relações, conforme apresentado na Tabela 4.

Foram verificadas associações positivas significativas entre a probabilidade de intervenção em situações de violência física e sexual, sugerindo que a probabilidade de intervenção em situações de violência física está relacionada à probabilidade de intervenção em situações de violência sexual.

Os achados indicaram que há variação na probabilidade de intervenção em função dos diferentes tipos de violência analisados.

Níveis de Empatia e a Probabilidade de Intervenção

Análises descritivas (média e desvio-padrão) e análises de correlação para as dimensões da empatia entre si foram realizadas para verificar o grau de significância entre as dimensões da escala. A dimensão Tomada de Perspectiva do Outro foi positivamente correlacionada com a dimensão Consideração Empática e com a dimensão *Personal Distress*, demonstrando que as dimensões da empatia estão relacionadas entre si de forma significativa, conforme descrito na Tabela 5.

Tabela 5.

Dimensões da empatia entre si (n = 250)

Dimensões da Empatia	M	DP	1	2	3	4
1. Consideração Empática	20,95	3,6	–			
2. Tomada de Perspectiva do Outro	23,18	3,11	0,194**	–		
3. <i>Personal Distress</i>	21,5	3,59	0,367***	0,232***	–	
4. Escore total EMRI	65,64	7,32	0,719***	0,606***	0,776***	–

** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$

Foram investigados os níveis de empatia, por sexo, em cada dimensão da escala, por meio de análises descritivas (média, desvio-padrão e médias do Rank), em que valores mais altos nas médias do Rank correspondem a níveis mais altos na dimensão analisada. Para verificar o grau de significância dos níveis de empatia identificados, entre homens e mulheres, foi realizado o teste *U* de Mann-Whitney.

Os resultados revelaram diferenças significativas em relação à Consideração Empática e ao *Personal Distress*, indicando que mulheres apresentariam maior preocupação com os outros e que, em situações emocionalmente tensas, tenderiam a experimentar mais ansiedade com relação ao infortúnio de outras pessoas, de acordo com o demonstrado na Tabela 6.

Não foram encontradas diferenças significativas, entre homens e mulheres, para Tomada de Perspectiva do Outro e em relação ao escore total da escala.

Tabela 6.

Dimensões da empatia por gênero

Dimensões da Empatia		M	DP	MRR	<i>U</i>	<i>z</i>	<i>p</i>	<i>r</i>
Consideração Empática	Homem	19,634	3,819	100,99	3279,5	-2,385	0,017	-0,151
	Mulher	21,211	3,509	130,31				
Tomada de Perspectiva do Outro	Homem	23,951	3,17	140,78	3658	-1,486	0,137	-0,094
	Mulher	23,033	3,081	122,5				
<i>Personal Distress</i>	Homem	20,488	3,059	104,38	3418,5	-2,054	0,04	-0,13
	Mulher	21,699	3,653	129,64				
Escore Total EMRI	Homem	64,073	7,397	107,41	3543	-1,753	0,08	-0,111
	Mulher	65,943	7,284	129,05				

M - Média; DP - Desvio Padrão; MRR - Média do Rank; *r* - Tamanho de efeito não paramétrico *U* de Mann-Whitney.

Probabilidade de Intervenção, Tipos de Violência e Empatia

Foi identificada uma correlação significativa negativa entre a dimensão *Personal Distress* e a probabilidade de intervenção em situações de violência física e psicológica, sugerindo que quanto maior o nível de *Personal Distress*, menor a probabilidade de intervenção nessas situações de violência.

Não foram encontradas associações significativas entre os níveis de empatia, nas dimensões Consideração Empática e Tomada de Perspectiva do Outro, com a probabilidade de intervenção nos três tipos de violência avaliados (física, sexual e psicológica).

Tabela 7.

Probabilidade de intervenção em relação aos tipos de violência e à empatia

	P. Física	r ²	P. Sexual	r ²	P. Psicológica	r ²
P. Física	-	-				
P. Sexual	0,642***	0,412	-	-		
P. Psicológica	0,587***	0,345	0,627***	0,393	-	-
Consideração Empática	-0,007	-	-0,026	-	0,001	-
Tomada de Perspectiva do Outro	0,038	-	0,037	-	0,047	-
<i>Personal Distress</i>	-0,153***	0,023	-0,112*	0,013	-0,101*	0,010
Escore total EMRI	-0,073	-	-0,055	-	-0,040	-

* $p < 0,05$; *** $p < 0,001$

P. = Probabilidade de intervenção em situações de violência (física, sexual e psicológica)

Não foram encontradas associações significativas entre a probabilidade de intervenção em violência sexual e os níveis de empatia nas três dimensões da escala. O escore total da escala de empatia (EMRI) não apresentou correlação significativa com nenhum dos três tipos de violência investigados, conforme Tabela 7.

Considerações finais

A violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens é uma preocupação socialmente reconhecida, principalmente devido aos prejuízos que acarreta, especialmente para as mulheres. Este estudo buscou contribuir para a compreensão dessa problemática, investigando possíveis diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador em situações de violência no namoro e sua relação com a empatia em adultos jovens.

Em relação às diferenças de gênero nas barreiras à intervenção do espectador, os achados indicaram diferenças não significativas, sendo, portanto, homens e mulheres propensos às barreiras à intervenção de forma similar. Seria esperado que talvez as mulheres fossem mais propensas a intervir em situações de violência, por serem as maiores vítimas. Porém, o processo de intervenção do espectador é baseado em passos que levam à intervenção, o que indica, portanto, que uma análise sobre os fatores que inibem a intervenção de mulheres ao longo desse processo, deva ser considerada. A constatação de que as mulheres são as maiores vítimas dos tipos mais graves de violência no namoro confirma a força que normas sociais baseadas em estruturas machistas têm sobre a normalização da violência nas relações afetivo-sexuais e na minimização do seu impacto ao longo do desenvolvimento, principalmente para mulheres (Santos, 2016).

Conhecer os fatores que influenciam e os que inibem homens e mulheres a intervir será essencial para a eficácia da prevenção. A literatura sobre prevenção à violência no namoro indica a relevância do envolvimento de homens e mulheres nas estratégias preventivas, em função da bidirecionalidade da violência e característica dessas relações. Contudo, é preciso considerar que homens e mulheres são influenciados de maneiras diferentes e sofrem diferentes impactos em razão da violência sofrida ou perpetrada.

Em relação às barreiras em situações de diferentes tipos de violência, homens e mulheres apresentaram diferenças significativas para violência sexual e psicológica, para a

barreira *não perceber uma situação problemática ocorrendo*. As mulheres foram mais propensas a perceber e os homens foram mais propensos às barreiras em perceber essas situações. Isso pode indicar maior sensibilidade das mulheres pelo fato de serem as maiores vítimas de violência, principalmente de violência sexual, o que talvez contribua para que estejam mais atentas às situações de violência e, portanto, mais propensas a percebê-las (Santos, 2016).

Os homens foram mais propensos à barreira *não perceber uma situação problemática ocorrendo*, em relação à situação de violência sexual, sendo possível que tenham sido influenciados por distrações no ambiente ou com o foco voltado para atividades individuais, de acordo com o modelo teórico. O primeiro passo no processo de intervir envolve a percepção da situação, os outros passos dependem dessa percepção inicial, portanto, é necessário que as estratégias de prevenção baseadas na intervenção do espectador explicitem comportamentos violentos difíceis de se perceber, como os de violência psicológica. Os comportamentos envolvidos em uma situação de violência sexual, embora mais conhecidos, também precisam ser abordados na prevenção, de forma que além de percebidos sejam alvo de intervenção, direta ou indireta, por homens e mulheres (Taquette & Monteiro, 2019).

Em relação a não perceber situações de violência psicológica, de forma geral, é um resultado que pode estar associado à ambiguidade sobre os comportamentos classificados como violência psicológica, influenciando a percepção de homens e mulheres. Além da normalização desse tipo de violência na sociedade, em que a banalização da violência psicológica é cotidiana (Oliveira et al., 2011).

Para as outras barreiras (Falha em identificar o risco, Falha em assumir a responsabilidade, Falha por déficit em habilidades e Falha por Inibição do Público) não foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres, em relação aos tipos de violência analisados, sugerindo que foram suscetíveis às barreiras à intervenção de forma

semelhante. Como as mulheres foram mais propensas a perceber a situação problemática ocorrendo (primeiro passo), mas se mostraram igualmente propensas às demais barreiras, é provável que dentre outras hipóteses, as mulheres se vejam com menos recursos para seguir no processo de intervenção, sendo influenciadas por fatores semelhantes aos que influenciam os homens, mas também por outros.

Uma explicação para esses resultados diz respeito ao impacto que a cultura machista desencadeia na perpetuação de estereótipos de gênero e normas sociais que minimizam a ocorrência da violência, principalmente para as mulheres. Normas que desencorajam o envolvimento de terceiros diante de situações de violência entre parceiros, contribuem para que tais situações sejam toleradas, negligenciando as vítimas. O ditado popular “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” é um exemplo que precisa ser explicitado em função de suas consequências para as vítimas (Oliveira & Fonseca, 2019).

Os achados sugerem que a probabilidade de intervenção variou em relação aos tipos de violência no namoro, mas não em relação aos níveis de empatia, com exceção da dimensão *Personal Distress*. Essa dimensão é a única voltada para o sofrimento do espectador, portanto, é esperado, que em algum nível, não influencie positivamente a intervenção. Neste estudo, apresentou uma correlação negativa significativa com a probabilidade de intervenção em situações de violência física e psicológica, indicando que quanto maior o nível de angústia do espectador (*Personal Distress*) diante de situações de violência física e psicológica, menor a probabilidade de intervir nessas situações. Situações que envolvem violência psicológica são mais ambíguas para se interpretar, tornando a probabilidade de intervenção reduzida.

O impacto de testemunhar uma situação de violência física diminuiu a probabilidade de intervenção nesse tipo de situação, que pode ser compreendido por motivações de segurança pessoal. O espectador pode evitar oferecer ajuda por receio de se tornar vítima,

sendo a evitação, portanto, protetiva para o espectador, nesses casos. Portanto, neste estudo, testemunhar situações de agressão física e psicológica diminuiu a probabilidade de intervir, em função do sofrimento eliciado no espectador. Estratégias de manejo da angústia pessoal, gerada no espectador diante de uma situação de violência, são essenciais para se pensar na prevenção da violência a partir da intervenção do espectador. O manejo adequado dessa angústia pode desencadear a motivação necessária para intervir e ajudar uma vítima.

É possível que a baixa percepção de segurança pessoal na sociedade atual torne a evitação mais segura para quem testemunha situações de violência, do que a intervenção. Isso torna imprescindível a discussão sobre mudanças na estrutura da sociedade, a fim de que as normas que sustentam a violência sejam modificadas. As pessoas testemunham situações de violência cotidianamente e decidem por não intervir, conforme as múltiplas influências citadas. Para desenvolver uma cultura que decida por intervir diante desse tipo de situação, se faz necessário oferecer às vítimas os meios necessários para não serem revitimizadas; e às testemunhas a segurança necessária para não serem tornarem novas vítimas.

Embora os achados sobre empatia e probabilidade de intervenção não tenham indicado diferenças significativas entre homens e mulheres, há de se considerar outros fatores que possam influenciar a intervenção do espectador. Considerar os efeitos da empatia para a prevenção da violência no namoro reforça sua importância para a construção de relações de namoro mais saudáveis e na promoção de comportamentos pró-sociais do espectador, portanto, investir em novos estudos que utilizem diferentes medidas da empatia pode ser uma alternativa, inclusive instrumentos não genéricos como o EMRI, sendo mais específicos para abordar os contextos de violência no namoro.

A ESPECTA-VN foi construída especialmente para avaliar as atitudes do espectador em adolescentes, portanto sua aplicação em adultos jovens pode demandar adaptações para o uso nesta amostra (Santos, 2016). A utilização da ESPECTA-VN em amostras diversificadas

possibilitará a comparação dos resultados e indicar limitações e adequações necessárias, já que se trata de um instrumento novo.

O estudo apresentou algumas limitações. O viés amostral, caracterizado pela composição da amostra, majoritariamente de mulheres (41 homens e 209 mulheres). Neste mesmo sentido, outras características da amostra merecem menção, como ter 68,4% dos participantes de orientação heterossexual e a maior parte (55,2%) dos participantes se declarar de raça branca.

Os resultados desse estudo podem contribuir ainda para o embasamento de políticas públicas direcionadas à prevenção da violência no namoro. Sugerem-se pesquisas que investiguem novas tecnologias e a adaptação de estratégias de prevenção bem-sucedidas para a cultura brasileira. Programas de prevenção à violência implementados em escolas e universidades podem apresentar benefícios individuais e coletivos (Banyard & Moynihan, 2011; Edwards et al., 2019). O ambiente educacional é representado por um público de interesse para as pesquisas de prevenção da violência no namoro, pois tanto escola, como universidade, adolescentes e jovens estão se relacionando de diversas formas e entrando em contato com a complexidade que envolve as relações afetivo-sexuais em qualquer fase do desenvolvimento. Portanto, estratégias de conscientização da violência, associadas àquelas que promovam o ensino de habilidades interpessoais, regulação emocional e resolução de conflitos, podem potencializar o desenvolvimento e aplicação de programas de prevenção (Murta et al., 2015).

Uma compreensão mais ampla dos aspectos envolvidos em situações de violência no namoro e de formas eficazes de prevenção podem contribuir para a prática profissional no sentido de tornar a identificação dos tipos de violência mais explícita, conscientizando e proporcionando estratégias de prevenção às comunidades. É igualmente necessária a qualificação dos serviços de profissionais cuja atuação está diretamente envolvida em acolher

e encaminhar vítimas de violência no namoro para que possam oferecer um serviço mais eficaz.

Por fim, mas não menos importante, faz-se urgente a análise crítica das normas sociais que legitimam a ocorrência das diversas formas de violência, principalmente contra as mulheres. O ambiente educacional, em suas especificidades ao longo do ciclo de vida, representa um contexto propício e potente para que mudanças estruturais sejam iniciadas e permaneçam como parte dos programas educacionais e de prevenção da violência.

Referências

- Abreu, S., Barletta, J. B., & Murta, S. G. (2015). Prevenção e promoção da saúde mental: Pressupostos teóricos e marcos conceituais. In S. Abreu, J. B. Barletta, S. G. Murta, C. L. França, K. B. Santos, & L. Polejack, L. (Eds.), *Prevenção e Promoção em saúde mental - Fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção* (pp. 54–74). Sinopsys.
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105–120. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1203>
- Anderson, K. L. (1997). Gender, status, and domestic violence: An integration of feminist and family violence approaches. *Journal of Marriage and the Family*, 655–669. <https://doi.org/10.2307/353952>
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. In A. Bandura (Org.), *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos* (pp. 15–41). Artmed.
- Banyard, V. L., & Moynihan, M. M. (2011). Variação no comportamento do espectador relacionada à prevenção da violência sexual e do parceiro íntimo: Correlaciona-se em uma amostra de estudantes universitários. *Psicologia da violência*, 1(4), 287.
- Bell, S. C., Coker, A. L., & Clear, E. R. (2019). Eficácia do programa bystander: Uma revisão das evidências em ambientes educacionais (2007–2018). In W. T. O'Donohue & P. A. Schewe (Eds.), *Handbook of sexual assault and sexual assault prevention*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-23645-8_26
- Benetti, I. C., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2013). Fundamentos de la teoría bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicología*, 9(16), 89–99. <https://revistas.ucc.edu.co/index.php/pe/article/download/620/585/1271>

- Bonache, H., Ramírez-Santana, G., & Gonzalez-Mendez, R. (2016). Conflict resolution styles and teen dating violence. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 16(3), 276–286. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2016.03.003>
- Borges, J. L., & Dell’Aglío, D. D. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3119–3130. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.24992018>
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo*. Martins Fontes.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n.º 14.132, de 31 de março de 2021*. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114132.htm
- Buhi, E. R., Clayton, H., & Surrency, H. H. (2009). Stalking victimization among college women and subsequent help-seeking behaviors. *Journal of American College Health*, 57(4), 419–426. <https://doi.org/10.3200/JACH.57.4.419-426>
- Burn, S. M. (2009). A situational model of sexual assault prevention through bystander intervention. *Sex Roles*, 60(11-12), 779–792. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9581-5>
- Capaldi, D. M., Shortt, J. W., Tiberio, S. S., & Low, S. (2018). Violence begets violence: Addressing the dual nature of partner violence in adolescent and young adult relationships. In D. Wolfe & J. R. Temple (Eds.), *Adolescent dating violence: Theory, research, and prevention* (pp. 341–364). Academic Press.
- Carvalho-Barreto, A. D., Bucher-Maluschke, J. S. N., Almeida, P. C. D., & DeSouza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: Uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86–92. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100012>

- Claussen, C., Matejko, E., & Exner-Cortens, D. (2022). Exploring risk and protective factors for adolescent dating violence across the social-ecological model: A systematic scoping review of reviews. *Frontiers in Psychiatry, 13*.
<https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.933433>
- Cornelius, T. L., Shorey, R. C., & Beebe, S. M. (2010). Self-reported communication variables and dating violence: Using Gottman's marital communication conceptualization. *Journal of Family Violence, 25*(4), 439–448.
<https://doi.org/10.1007/s10896-010-9305-9>
- Costa, A. M., Costa, M. C. O., & Nascimento, O. C. (2018). Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Revista de Saúde Coletiva da UEFES, 8*(1), 39–45. <https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v8i1.2973>
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violence a global public health problem. *Ciência & Saúde Coletiva, 11*(2). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000200007>
- Davis, M. H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology, 10*, 85.
https://www.uv.es/~friasnav/Davis_1980.pdf
- Debnam, K. J., & Mauer, V. (2021). Who, when, how, and why bystanders intervene in physical and psychological teen dating violence. *Trauma, Violence, & Abuse, 22*(1), 54–67. <https://doi.org/10.1177/1524838018806505>
- Degue, S., Valle, L. A., Holt, M. K., Massetti, G. M., Majasko, J., & Tharp, A. (2014). A systematic review of primary prevention programs for sexual violence perpetration. *Aggression and Violent Behavior, 19*, 346–362.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.05.004>

- Dodaj, A., Sesar, K., & Šimić, N. (2020). Impulsivity and empathy in dating violence among a sample of college females. *Behavioral Sciences, 10*(7), 117.
<https://doi.org/10.3390/bs10070117>
- Duval, A., Lanning, B. A., & Patterson, M. S. (2020). A systematic review of dating violence risk factors among undergraduate college students. *Trauma, Violence, & Abuse, 21*(3), 567–585. <https://doi.org/10.1177/1524838018782207>
- Edwards, K. M., Banyard, V. L., Sessarego, S. N., Waterman, E. A., Mitchell, K. J., & Chang, H. (2019). Evaluation of a bystander-focused interpersonal violence prevention program with high school students. *Prevention Science, 20*, 488–498.
<https://doi.org/10.1007/s11121-019-01000-w>
- Ellis, W. E., & Dumas, T. M. (2018). Peers over parents? How peer relationships influence dating violence. In W. Wolfe & J. R. Temple (Eds.), *Adolescent dating violence: Theory, research, and prevention* (pp. 105–133). Academic Press.
- Espelage, D. L., Leemis, R. W., Niolon, P. H., Kearns, M., Basile, K. C., & Davis, J. P. (2020). Teen dating violence perpetration: Protective Factor trajectories from middle to high school among adolescents. *Journal of Research on Adolescence, 30*(1), 170–188. <https://doi.org/10.1111/jora.12510>
- Evans, K. E., Lee, H., Russell, K. N., Holmes, M. R., Berg, K. A., Bender, A. E., & Prince, D. M. (2021). Adolescent dating violence among youth exposed to intimate partner violence: A systematic review. *Journal of Family Violence, 1–18*.
<https://doi.org/10.1007/s10896-021-00289-y>
- Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 1*(1), 23–32.

- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Arriaga, X. B., Helms, R. W., Koch, G. G., & Linder, G. F. (1998). An evaluation of Safe Dates, an adolescent dating violence prevention program. *American Journal of Public Health*, 88(1), 45–50. <https://doi.org/10.2105/ajph.88.1.45>
- García-Moreno, C., & Amin, A. (2016). The sustainable development goals, violence and women's and children's health. *Bulletin of the World Health Organization*, 94(5), 396–397. <http://dx.doi.org/10.2471/BLT.16.172205>
- García-Moreno, C., Jansen, H. A., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. (2005). *WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women*. World Health Organization. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43309/924159358X_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Gregori, A. G., Priolo Filho, S. R., & França, A. B. (2022). Avaliação de crenças sobre violência no namoro (ACVN): Um novo instrumento brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, 1–10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38411.pt>
- Hebert, M., Daspe, M. È., Lapierre, A., Godbout, N., Blais, M., Fernet, M., & Lavoie, F. (2019). A meta-analysis of risk and protective factors for dating violence victimization: The role of family and peer interpersonal context. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(4), 574–590. <https://doi.org/10.1177/1524838017725336>
- Inman, E. M., Chaudoir, S. R., Galvinhill, P. R., & Sheehy, A. M. (2018). The effectiveness of the bringing in the Bystander™ program among first-year students at a religiously-affiliated liberal arts college. *Journal of Social and Political Psychology*, 6(2), 511–525. <https://doi.org/10.5964/jspp.v6i2.971>

- Jaffe, P., Fairbairn, J., & Sapardanis, K. (2018). Youth dating violence and homicide. In D. Wolfe & J. R. Temple (Eds.), *Adolescent dating violence: Theory, research, and prevention* (pp. 191–214). Academic Press.
- Kaukinen, C. (2014). Dating violence among college students: The risk and protective factors. *Trauma, Violence, & Abuse, 15*(4), 283–296.
<https://doi.org/10.1177/1524838014521321>
- Koller, S. H., Camino, C., & Ribeiro, J. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia, 18*(3), 43–53.
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300004>
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The Lancet, 360*(9339), 1083–1088.
[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Kurdek, L. A. (1994). Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family, 56*(3), 705–722.
<https://doi.org/10.2307/352880>
- Lagdon, S., Armour, C., & Stringer, M. (2014). Adult experience of mental health outcomes as a result of intimate partner violence victimization: A systematic review. *European Journal of Psychotraumatology, 5*(1). <https://doi.org/10.3402/ejpt.v5.24794>
- Latane, B., & Darley, J. M. (1968). Group inhibition of bystander intervention in emergencies. *Journal of Personality and Social Psychology, 10*(3), 215.
- Latzman, N. E., D’Inverno, A. S., Niolon, P. H., & Reidy, D. E. (2018). Gender inequality and gender-based violence: Extensions to adolescent dating violence. In D. Wolfe & J. R. Temple (Eds.), *Adolescent dating violence: Theory, research, and prevention* (pp. 283–314). Academic Press.

- López-Barranco, P. J., Jiménez-Ruiz, I., Pérez-Martínez, M. J., Ruiz-Penin, A., & Jiménez-Barbero, J. A. (2022). Systematic review and meta-analysis of the violence in dating relationships in adolescents and young adults. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 13(2), 73–84. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2022.02.055>
- Lordello, S., & Costa, L. (2015). Quando o príncipe vira sapo: Identificando os sinais da transformação. In S. Murta, J. Bucher-Maluschke & G. Diniz (Orgs.), *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 43-52). Appris.
- Martínez-Heredia, N., González-Gijón, G., Soriano Díaz, A., & Amaro Agudo, A. (2021). Dating violence: A bibliometric review of the literature in web of science and scopus. *Social Sciences*, 10(11), 445. <https://doi.org/10.3390/socsci10110445>
- Martins, A. P. A. (2017). Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: Considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Revista Gênero*, 17(2), 9–28. <https://doi.org/10.22409/rg.v17i2.939>
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55–95. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v8n1/v8n1a05.pdf>
- Meadows, A. L., Coker, A. L., Bush, H. M., Clear, E. R., Sprang, G., & Brancato, C. J. (2022). Sexual violence perpetration as a risk factor for current depression or posttraumatic symptoms in adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(1-2), 151–171. <https://doi.org/10.1177/0886260520908028>
- Minayo, M. C. D. S., Assis, S. G. D., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Fiocruz. <https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>
- Murta, S. G., Bucher-Maluschke, J. S. N., & Diniz, G. R. S. (2015). *Violência no namoro: Estudos, Prevenção e psicoterapia*. Appris.

- Murta, S. G., Pires, M. R. P., Tavares, A. S., Cordeiro, M. A., Teixeira, E. G., & Adorno, N. (2019). Intimidade e apego no namoro: Implicações de estudos de caso para prevenção à violência. *Contextos Clínicos*, 12(1), 204–225.
<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.09>
- Murta, S. G., Santos, B. R. P. D., Martins, C. P. S., & Oliveira, B. D. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117–131. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.05>
- Oliveira, R. N. G. D., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2019). Amor e violência em jogo: descortinando as relações afetivo-sexuais entre jovens à luz de gênero. *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e180354.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. D., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. D. (2011). Violência nas relações afetivo-sexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis & K. Njaine (Orgs.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (pp. 87–139). Fiocruz. <https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707–718.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., & Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *PLoS Medicine*, 18(3).
<https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1003583>

- Park, S., & Kim, S. H. (2019). Who are the victims and who are the perpetrators in dating violence? Sharing the role of victim and perpetrator. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(5), 732–741. <https://doi.org/10.1177/1524838017730648>
- Péloquin, K., Lafontaine, M.-F., & Brassard, A. (2011). A dyadic approach to the study of romantic attachment, dyadic empathy, and psychological partner aggression. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(7), 915–942. <https://doi.org/10.1177/0265407510397988>
- Potter, S. J., Moynihan, M. M., Stapleton, J. G., & Banyard, V. L. (2009). Empowering bystanders to prevent campus violence against women: A preliminary evaluation of a poster campaign. *Violence Against Women*, 15(1), 106–121. <https://doi.org/10.1177/1077801208327482>
- Ramos, M. C., Miller, K. F., Moss, I. K., & Margolin, G. (2021). Perspective-taking and empathy mitigate family-of-origin risk for electronic aggression perpetration toward dating partners: A brief report. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), NP1155–1164NP. <https://doi.org/10.1177/0886260517747605>
- Reyes, H. L. M., Graham, L. M., Chen, M. S., Baron, D., Gibbs, A., Groves, A. K., Kajula, L., Bowler, S., & Maman, S. (2021). Adolescent dating violence prevention programmes: A global systematic review of evaluation studies. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 5(3), 223–232. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30276-5](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30276-5)
- Rochford, H. I., Peek-Asa, C., Abbott, A., Estin, A., & Harland, K. (2022). United States' teen dating violence policies: Summary of policy element variation. *Journal of Public Health Policy*, 1–12. <https://doi.org/10.1057/s41271-022-00365-7>
- Saffioti, H. I. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, (16), 115–136.

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkL/?format=pdf&lang=pt>

- Sampaio, L. R., Camino, C. P. D. S., & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 212–227. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v29n2/v29n2a02.pdf>
- Sampieri, R. H., Callado, C. F., & Lucio, M. d. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (5. ed.). Penso.
- Santos, J., & Rezende, M. M. (2021). Violência psicológica entre jovens parceiros íntimos: Uma revisão bibliográfica. *Revista UNIANDRADE*, 21(1), 11–22. <http://dx.doi.org/10.18024/1519-5694/revuniandrade.v21n1p-11-22>
- Santos, K. B. (2016). *Mobilizando comportamentos de ajuda na rede de amizades: Uma estratégia de prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do espectador* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21269>
- Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P., França-Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., Valença, O., & Couto, M. T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41(5), 797–807. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000500014>
- Segundo, J., Cantos, A. L., Ontiveros, G., & Daniel, O. (2022). Risk factors of female-perpetrated intimate partner violence among hispanic young adults: Attachment style, emotional dysregulation, and negative childhood experiences. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(21), 13850. <https://doi.org/10.3390/ijerph192113850>
- Set, Z. (2020). Dating violence: A review. *Psikiyatride Guncel Yaklasimlar*, 12(4), 444–454. <https://doi.org/10.18863/pgy.674468>

- Souza, T. M. C., Pascoaleto, T. E., & Mendonça, N. D. (2018). Violência contra mulher no namoro: Percepções de jovens universitários. *Revista Psicologia e Saúde, 10*(3), 31–43. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i3.695>
- Storer, H. L., Casey, E., & Herrenkohl, T. (2016). Efficacy of bystander programs to prevent dating abuse among youth and young adults: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse, 17*(3), 256–269. <https://doi.org/10.1177/1524838015584361>
- Taquette, S. R., & Monteiro, D. L. M. (2019). Causes and consequences of adolescent dating violence: A systematic review. *Journal of Injury & Violence Research, 11*(2), 137–147. <https://doi.org/10.5249/jivr.v11i2.1061>
- Tassinari, T. T., Honnef, F., Arboit, J., Langendorf, T. F., Paula, C. C. D., & Padoin, S. M. D. M. (2022). Violencia de gênero em mulheres estudantes universitárias: Evidências sobre a prevalência e sobre os fatores associados. *Acta Colombiana de Psicología, 25*(1), 105–120. <https://doi.org/10.14718/acp.2022.25.1.8>
- Ustunel, A. O. (2020). A feminist approach to dating violence prevention: Creating change towards safety, equality and mutuality. *Feminism & Psychology, 30*(2), 143–164. <https://doi.org/10.1177/0959353519882462>
- Vagi, K. J., Rothman, E. F., Latzman, N. E., Tharp, A. T., Hall, D. M., & Breiding, M. J. (2013). Beyond correlates: A review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. *Journal of Youth and Adolescence, 42*, 633–649. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9907-7>
- Vasconcelos, N. M. D., Andrade, F. M. D., Gomes, C. S., Pinto, I. V., & Malta, D. C. (2021). Prevalência e fatores associados a violência por parceiro íntimo contra mulheres adultas no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 24*. <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.2>

Walker, L. E. (2009). *The battered woman syndrome* (3rd ed.). Springer.

[https://yunus.hacettepe.edu.tr/~cin/Criticism%20of%20the%20Western%20Society%20&%20Civilization%20-%20Collection%205/Domestic%20Violence/Walker%20-%20The%20Battered%20Woman%20Syndrome%20\(2009\).pdf](https://yunus.hacettepe.edu.tr/~cin/Criticism%20of%20the%20Western%20Society%20&%20Civilization%20-%20Collection%205/Domestic%20Violence/Walker%20-%20The%20Battered%20Woman%20Syndrome%20(2009).pdf)

Wallace, A., Langevin, R., & Hébert, M. (2023). An analysis of risk and protective factors associated with cyber-dating violence victimization of adolescent girls: An ecological perspective. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 1–13.

<https://doi.org/10.1007/s40653-023-00558-6>

Weitzman, A., Cowan, S., & Walsh, K. (2020). Bystander interventions on behalf of sexual assault and intimate partner violence victims. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(7-8), 1694–1718. <https://doi.org/10.1177/088626051769687>

World Health Organization. (2009). *Changing cultural and social norms that support violence*. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/44147>

Yule, K., Hoxmeier, J. C., Petranu, K., & Grych, J. (2022). The chivalrous bystander: The role of gender-based beliefs and empathy on bystander behavior and perceived barriers to intervention. *Journal of interpersonal violence*, 37(1-2), 863-888.

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0886260520916277>

Anexos

Anexo 1 – Escala de Atitudes do Espectador em Situações de Violência no Namoro (ESPECTA-VN)

Pesquisa sobre relações de namoro

Parte 1 - EIESVN

Caro (a) participante, queremos conhecer a sua opinião sobre modos de agir ao presenciar um casal de namorados em situações de conflito. Como você reagiria se fosse um **observador** dessas cenas? Você ajudaria a **interromper o conflito** entre o casal de namorados?

Considere que os conflitos entre o casal podem ser gerados por ambos os parceiros, ou seja, por ela ou por ele, tanto em relações heterossexuais (homem com mulher), quanto em relações homoafetivas (homem com homem/ mulher com mulher).

Utilize a escala abaixo para responder às questões, assinalando a resposta que melhor traduz a sua opinião enquanto **observador** diante de cada uma das 3 situações de conflito apresentadas.

É importante lembrar que não existem respostas certas ou erradas, já que elas são pessoais, dizendo respeito apenas a você. Evite pedir opinião a outros quando estiver respondendo.

Leia com atenção cada pergunta e as opções de resposta. Não deixe de responder a nenhuma questão. Em cada questão, assinale apenas uma alternativa para cada situação apresentada. Agradecemos sua sinceridade.

1. Em uma festa ou bar, distrações (músicas, barulho, etc) podem dificultar eu perceber se um(a) namorado(a) está...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1.1 ...dando tapa na(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.2 ...tocando sexualmente quando a(o) parceira(o) não quer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.3 ...brigando por ciúmes com a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. Mesmo se outras pessoas no local parecessem despreocupadas, eu ajudaria se visse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
2.1 ...chutando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.2 ...usando de ameaças para tentar fazer sexo com a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.3 ...espalhando boatos sobre a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Mesmo se parecer que estão alcoolizados ou drogados, eu ajudaria se presenciasse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
3.1 ...batendo na(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2 ...forçando a(o) parceira(o) a fazer sexo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3 ...humilhando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Mesmo se estiverem provocando um ao outro, eu ajudaria se visse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
4.1 ...empurrando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.2 ...usando de ameaças para tentar fazer sexo com a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.3 ...ameaçando difamar a(o) parceira(o) com fotos íntimas na internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Se eu tiver certeza de que outras pessoas me apoiariam, eu ajudaria se visse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
8.1 ...empurrando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.2 ...forçando a(o) parceira(o) a fazer sexo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.3 ...espalhando boatos sobre a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Mesmo com medo da reação negativa dos outros, eu ajudaria a interromper o conflito, se visse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
9.1 ...dando tapa na(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.2 ...tocando sexualmente quando a(o) parceira(o) não quer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.3 ...ameaçando machucar a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Eu saberia como ajudar, se presenciasse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
10.1 ...empurrando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.2 ...usando de ameaças para tentar fazer sexo com a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.3 ...espalhando boatos sobre a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Mesmo se fosse perigoso para mim, eu ajudaria se visse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
11.1 ...chutando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.2 ...forçando a(o) parceira(o) a fazer sexo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.3 ...espalhando boatos sobre a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Eu buscaria ajuda de outras pessoas, se presenciasse um(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
12.1 ...empurrando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12.2 ...usando de ameaças para tentar fazer sexo com a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12.3 ...ameaçando destruir o celular da(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Eu tentaria conversar com um casal de namorados, se visse o(a) namorado(a)...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
13.1 ...batendo na(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13.2 ...tocando sexualmente quando a(o) parceira(o) não quer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13.3 ...humilhando a(o) parceira(o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo 2 – Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI)

Pesquisa sobre relações de namoro

Parte 2. EMRI

As seguintes afirmações questionam seus sentimentos e pensamentos em uma variedade de situações. Para cada item, indique quanto seu pensamento ou sentimento é descrito pela afirmação, escolhendo sua posição na escala abaixo ("**não me descreve bem**"/ "**descreve-me muito bem**") Quando você tiver decidido sua resposta, marque o número apropriado para cada afirmação. Leia cada item com muito cuidado antes de responder. Responda o mais honestamente possível. Obrigada!

1. Eu frequentemente tenho sentimentos de ternura e preocupação por pessoas menos afortunadas do que eu.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. Às vezes, eu tenho dificuldade de ver as coisas do ponto de vista dos outros.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Às vezes, eu não lamento muito por outras pessoas que estão tendo problemas.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Em situações de emergência, eu me sinto ansioso(a) e desconfortável.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Eu tento considerar os argumentos de todas as pessoas em uma discussão antes de tomar uma decisão.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Quando eu vejo alguém sendo enganado, eu sinto vontade de protegê-lo.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Às vezes, eu me sinto desconfortável quando estou no meio de uma situação muito emotiva.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Às vezes, eu tento entender melhor meus amigos, imaginando como as coisas são vistas da perspectiva deles.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Quando eu vejo alguém se ferir, eu tendo a permanecer calmo.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. As desgraças e os problemas dos outros em geral não me perturbam muito.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Se eu tenho certeza de que eu estou correto sobre alguma coisa, eu não desperdiço tempo ouvindo os argumentos das outras pessoas.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Estar em uma situação emocional tensa assusta-me.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Quando eu vejo alguém sendo injustiçado, eu às vezes não sinto muita pena dele.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Geralmente eu sou muito efetivo para lidar com emergências.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Frequentemente eu fico emocionado(a) com coisas que eu vejo acontecer.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Eu acredito que existem dois lados para cada questão e tento olhar para ambos.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Eu descreveria a mim mesmo(a) como uma pessoa de coração mole.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Eu tendo a perder o controle durante emergências.

1. Não me descreve bem	2.	3.	4.	5. Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Quando eu estou incomodado com alguém, geralmente eu tento me colocar em seu lugar por um momento.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Quando eu vejo alguém que tem grande necessidade de ajuda em uma emergência, eu fico desesperado(a).

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21. Antes de criticar alguém, eu tento imaginar como eu me sentiria, se eu estivesse em seu lugar.

1 Não me descreve bem	2	3	4	5 Descreve-me muito bem
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo 3 – Questionário Sociodemográfico

Pesquisa sobre relações de namoro

Dados Sociodemográficos

1. Sexo:

- Masculino
- Feminino

2. Idade:

3. Qual a sua escolaridade?

- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- graduação incompleta
- graduação completa
- pós-graduação incompleta
- pós-graduação completa

4. Qual a escolaridade do chefe de sua família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com maior parte da renda da casa.

- Analfabeto/ Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo/ Fundamental II incompleto
- Fundamental completo/ Médio incompleto
- Médio completo/ Superior incompleto
- Superior completo

5. Quais dos itens abaixo existem em sua casa? Marque, para cada um deles, quantos existem em sua residência:

	0	1	2	3	4 ou +
Automóveis de passeio exclusivamente para uso particular	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Banheiros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geladeiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Freezers independentes ou parte da geladeira duplex	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lavadora de louças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fornos de micro-ondas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. A água utilizada nesta residência é proveniente de:

- 1 - Rede geral de distribuição
- 2 - Poço ou nascente
- 3 - Outro meio

7. Considerando o trecho da rua da sua residência, você diria que a rua é:

- 1 - Asfaltada/ Pavimentada
- 2 - Terra/ Cascalho

8. Com qual cor ou raça você se reconhece ou se identifica?

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena
- Outro (especifique no campo abaixo)

9. Você participa de alguma religião?

- Não, nenhuma
- Católica
- Espírita
- Evangélica
- Outro (especifique no campo abaixo)

10. Estado Civil:

- Solteiro
- União estável
- Casado
- Divorciado
- Viúvo

11. Você está namorando no momento?

- Não, estou sozinho
- Tenho encontros ocasionais com pessoas diferentes
- Tenho encontros ocasionais com a mesma pessoa
- Sim, estou em um relacionamento estável de namoro

12. Orientação sexual:

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual

13. Cidade em que mora:

14. Estado em que mora:

15. Gostaria de fazer algum comentário ou sugestão?

Muito obrigada pela sua participação!